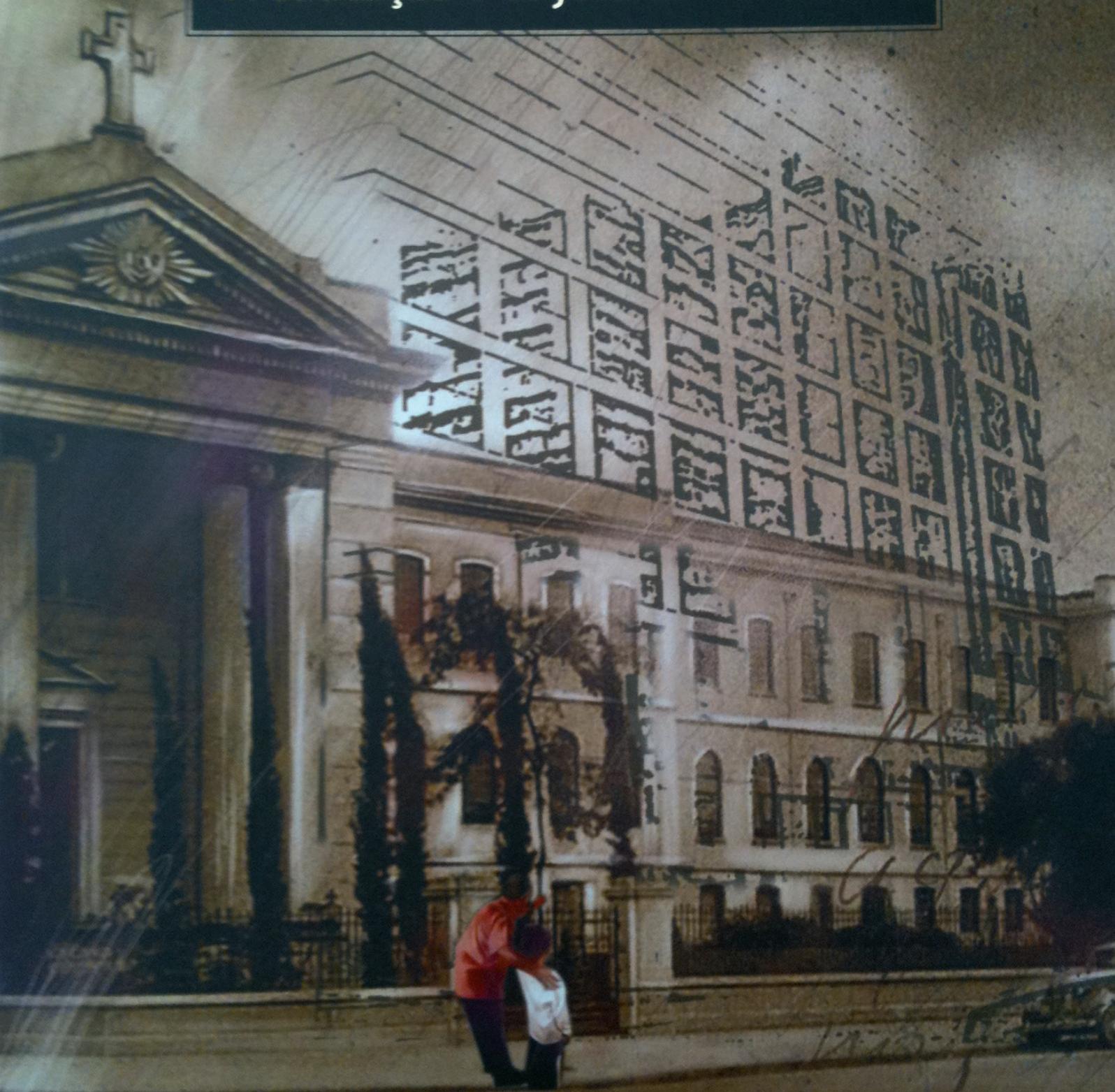


*Colégio São Luís* 140 anos  
A educação e os jesuítas no Brasil



*Colégio São Luís*  
A educação e os jesuítas no Brasil

140 anos



## LIVRO DE OURO

No mundo contemporâneo, as mudanças ocorrem a cada segundo, as informações são obtidas num piscar de olhos e o consumo se tornou um hábito em quase todas as sociedades. A globalização uniu os países, as pessoas, e divulgou suas culturas, oferecendo indistintamente diferentes recursos, novas tecnologias e diversos conhecimentos.

As nossas crianças e a nossa juventude já nasceram nesse contexto, experimentando a velocidade dos acontecimentos e a rapidez das informações. E são essas novas gerações que dominam as máquinas, descobrem novas ferramentas e sonham com o mundo novo.

A Companhia de Jesus, ao longo de décadas, trabalha sempre focada na individualidade e no potencial de desenvolvimento do ser humano. O desafio educacional da Companhia de Jesus - na qual o Colégio São Luís está inserido - é baseado nos princípios que orientam as crianças e os jovens na integração do mundo atual com os princípios cristãos e valores humanos, como base de toda a sua atuação e atividade. Educar, hoje, é a arte de integrar a ciência, a tecnologia e o conhecimento com o olhar, o sentir e o viver.

O nosso projeto para esse homem globalizado é orientá-lo a sentir a necessidade do outro, a viver o amor e a se posicionar diante do outro com respeito, partindo da experiência com o diferente, que o faça refletir sobre quem ele é.

O movimento e a atualização constantes fazem parte do projeto jesuíta que incentiva o diálogo, a busca pela ética e pelas melhores escolhas de cada pessoa. Esse movimento é característica marcante também de São Paulo, onde o Colégio São Luís se situa há mais de um século.

É nesta cidade de cultura pluralista que a Companhia de Jesus, apostando em uma visão integradora de culturas e raças, viveu e cresceu, acompanhando as mudanças da sociedade, valorizando o ser humano, educando-o a viver no mundo e servir aos demais.

A nossa identidade, hoje, continua sendo a instituição de excelência acadêmica e a formação de pessoas que unem os princípios humanos e cristãos com os conhecimentos da ciência e da sabedoria do mundo em que vivemos.

O Colégio São Luís convida a todos a conhecer um pouco da história da Companhia de Jesus e seu papel na educação da cidade de São Paulo e do mundo.

Boa leitura!

*Pe. Mieczyslaw Smyda, SJ*

Diretor Geral do Colégio e Faculdade São Luís

## ESTAPAR

Contar a história do Colégio São Luís significa reviver os passos que transformaram nossa querida Avenida Paulista em símbolo de São Paulo, reconstituir a evolução desta estimada e grandiosa metrópole e pontuar os principais acontecimentos do Estado de São Paulo. Significa resgatar os primeiros movimentos históricos de nosso País, transcorrer sua trajetória até os dias atuais e projetar seu futuro. Significa, enfim, resgatar e fortalecer a identidade de nosso povo, de nossa nação.

Nesses 140 anos, o Colégio São Luís fez história e nela conquistou posto intocável, irretocável. Propagador do ensino jesuíta, abraçou a educação como uma missão, que se traduziu em ferramenta capaz de transformar vidas e de preparar agentes de uma sociedade mais justa e fraterna.

Ao folhear as belas páginas deste livro, muitos de nós também verão sua própria história de vida refletida, lembrada, registrada. Assim é para mim. A garagem do Colégio foi uma das primeiras unidades em que trabalhei, quando iniciei minha carreira na atividade, em 1973. Assim é também para a Estapar, que oferece seus serviços no Colégio São Luís desde 1995.

Para a rede EstaparRiopark, é uma imensa honra apoiar esta publicação, que representa um inestimável presente que o Colégio São Luís oferece aos brasileiros ao completar seu 140º aniversário.

*Helio Cerqueira*

Sistema EstaparRiopark





Colégio São Luís  
Rua Haddock Lobo, 400, Cerqueira César  
CEP: 01414-902 – São Paulo – SP  
Tel: (11) 3138-9600  
www.saoluis.org

*Diretoria*

Pe. Mieczyslaw Smyda, SJ - Diretor Geral do Colégio  
e Faculdade São Luís

Benedita de Lourdes Massaro – Diretora da  
Formação Cristã do Colégio São Luís

Denise Michels Ortiz Krein – Diretora Pedagógica do  
Colégio São Luís

Jairo Nogueira Cardoso – Diretor Administrativo  
Financeiro do Colégio São Luís

Luiz Antonio Nunes Palermo – Diretor Pedagógico  
do Colégio São Luís

Renato Franciozi – Diretor de Patrimônio do Colégio  
São Luís

*Coordenação 140 anos*

Prof. Paulo Vicente Moregola – Coordenador Geral

Ana Maria de Moraes Paukstys

Antônio Eduardo Serzedello de Paula

Marcia Maria Ramalho Guerra

Renato Franciozi

*Colaboradores*

Pe. Nilson Marostica, SJ, Superior da Comunidade  
Religiosa

Pe. Carlos Alberto Contieri, SJ – Diretor do Patteeo do  
Colegio

Pe. César Augusto, SJ – Vice-Postulador da Causa de  
Canonização de Anchieta

Prof. Laez Barbosa Fonseca

Prof. Ceciélío Dias Cortes

9 O legado que atravessa os séculos

16 Educação jesuítica chega a Itu

30 Em busca de um novo lar

40 Crescendo com a metrópole

56 Pedagogia voltada para a educação integral

70 Educando todas as dimensões da pessoa

84 Certeza de futuro

**Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

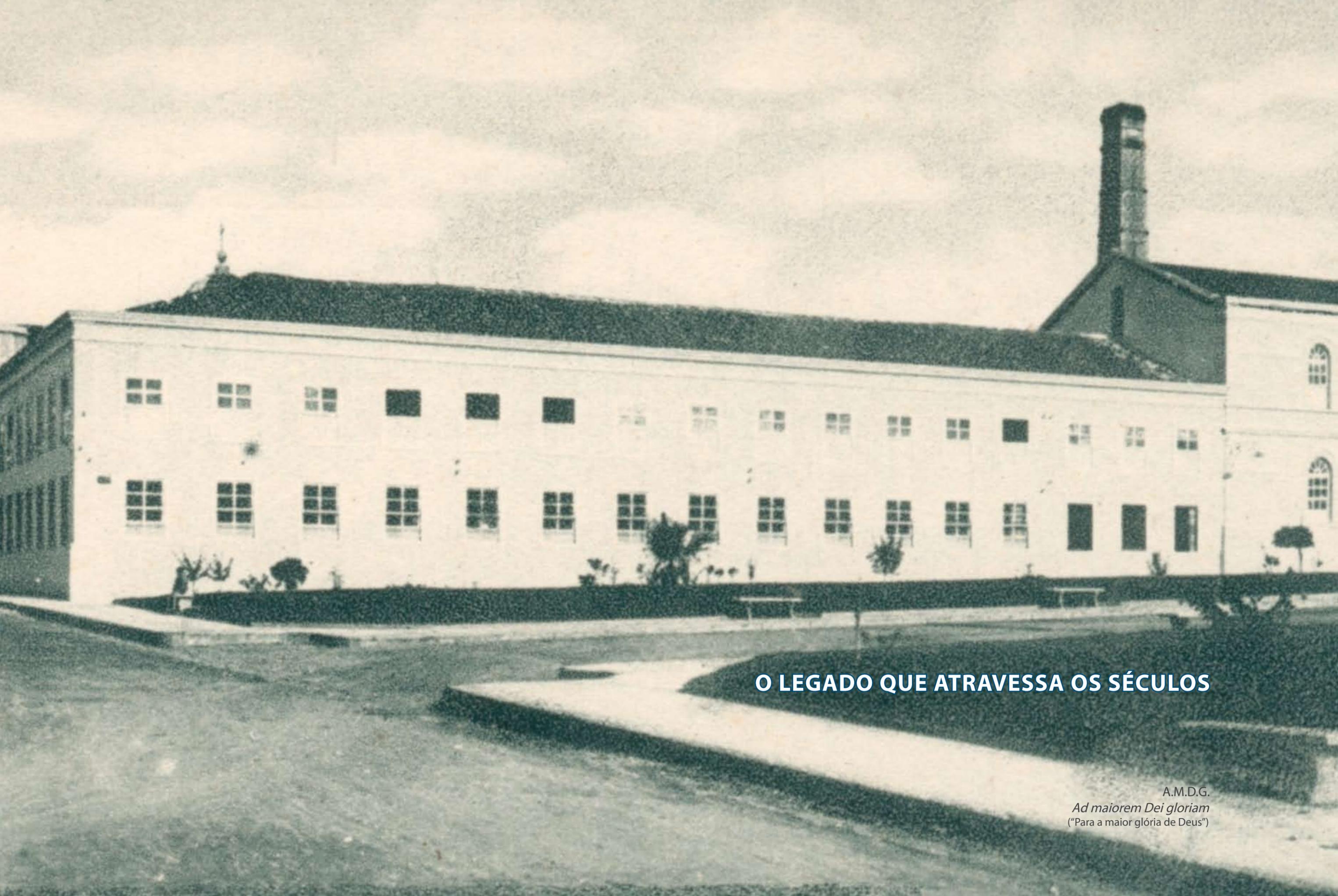
Colégio São Luís 140 anos : a educação e os jesuítas no  
Brasil / [pesquisa histórica Montserrat Moreno ; texto  
Viviane Pereira]. – São Paulo : Tempo & Memória, 2007.

Bibliografia.

1. Colégio São Luís – História 2. Educação – São Paulo  
[SP] – História 3. Escolas particulares – São Paulo [SP] – His-  
tória 4. Jesuítas – Brasil – História I. Moreno, Montserrat. II.  
Pereira, Viviane.

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Colégio São Luís : São Paulo : Cidade :  
Educação : História 370.98161



**O LEGADO QUE ATRAVESSA OS SÉCULOS**

A.M.D.G.  
*Ad maiorem Dei gloriam*  
("Para a maior glória de Deus")

**E**nsinar é uma arte. Educar é vocação. Vocação é aquele talento natural para realizar uma função que para alguns parece tão difícil e para outros é exercitada com extrema facilidade, como uma aptidão natural. Educar é e sempre foi uma das vocações da Companhia de Jesus, uma aptidão que remonta ao início da sua história, presente desde os primeiros sonhos de Santo Inácio de Loyola.

Vocação que fez de padre José de Anchieta o primeiro educador do Brasil, patrono dos professores. Aptidão que levou o padre Manoel da Nóbrega a criar, no alto de uma colina, em uma pequena cabana coberta por sapê, um pequeno colégio que mudaria a história do Brasil. Devoto do Apóstolo Paulo, Nóbrega escolheu o dia desse santo e, em 25 de janeiro de 1554, junto com o padre Anchieta, fundou naquela cabana o Real Collegio de São Paulo. Assim nasceu a cidade de São Paulo, crescendo ao redor do colégio criado pelos jesuítas.

A educação dos jesuítas se desenvolveu tendo em sua base o desenvolvimento do ser humano com uma formação integral, abrangendo todas as dimensões da pessoa, da inteligência à afetividade, sem perder o foco do indivíduo, porque “Deus chama cada um pelo nome”.

Seguindo a vocação educacional da Companhia de Jesus, em cada colégio criado pelos jesuítas propaga-se a pedagogia de educar o ser humano por inteiro, em toda sua diversidade. Com o Colégio São Luís não foi diferente. Por isso, desenvolveu a educação incentivando o crescimento de cada aluno, seguindo a meta educativa dos jesuítas, declarada pelo padre Pedro Arrupe, superior geral da Companhia de 1964 a 1983, de preparar os alunos para serem homens e mulheres para os outros, “pessoas que não possam sequer conceber o amor a Deus que não inclua amor pelo menor de seus irmãos”<sup>1</sup>.

Essa é, há 140 anos, a missão do Colégio São Luís: educar, trabalhar e lutar “Ad maiorem Dei gloriam”, como é o lema da Companhia de Jesus, a partir do qual tantos homens têm ajudado a construir a história da humanidade. Educar, acima de tudo, pela única causa que realmente vale a pena: “Para a maior glória de Deus.”

### Início de uma nova luta

Era primavera de 1521. A bala de canhão disparada no dia 20 de maio foi certeira e derrubou o homem que era a alma da resistência em Pamplona contra os ataques do exército francês.

Inácio López de Oñaz Y Loyola – depois conhecido como Santo Inácio de Loyola – tombou de agonia, vendo Pamplona cair nas mãos dos franceses, e de dor, com a perna esquerda quebrada e a direita destroçada.

Filho de Beltrão Yañez de Oñaz e D. Marina Saenz de Licona, o caçula de 13 irmãos, então com 30 anos, amargou dores horríveis e passou um mês entre a vida e a morte. No mês seguinte, em junho de 1521, foi levado ao Castelo de Loyola, em Azpeitia, no norte da Espanha, local onde nasceu e passou sua infância. Aos 8 anos, ficou órfão de mãe, e aos 14, perdeu o pai. Saiu de casa aos 15 anos e foi morar com um parente de sua mãe, João Velásquez de Cuéllar, com quem passou toda a juventude em um ambiente de riqueza e poder. Velásquez foi contador-mor dos reis da Espanha, pertenceu ao Conselho Real e foi escolhido como um dos testamenteiros dos reis católicos Fernando e Isabel. A morte de Fernando trouxe desgraça para Velásquez, que perdeu seu prestígio na corte. Esse fato afetou bastante a vida de Loyola, que foi morar sozinho em Nájera.

Loyola foi, como ele mesmo se definiu, “um homem dado às vaidades do mundo, cujo principal prazer consistia nos exercícios de guerra, que praticava com o grande e fútil desejo de ganhar renome”<sup>2</sup>.

Ele sobreviveu à batalha, mas quem saiu vivo não foi o cavaleiro espanhol dado às vaidades do mundo; naquele momento, começou a nascer um novo Inácio.

Seu coração foi tocado durante a recuperação, no Castelo de Loyola, quando pediu livros para passar o tempo e lhe foram entregues as duas obras encontradas no local: *Vita Christi*, de Rodolfo da Saxônia, e *Vida dos Santos*. A vida de Cristo e o exemplo desses homens estimulou Inácio, e ele sentia os pensamentos de Deus invadindo seu ser, dando-lhe paz, força e um novo sentido para sua vida. Inácio de Loyola decidiu seguir os passos desses testemunhos e caminhar por uma nova estrada.

Continuar a missão de Jesus no mundo era o verdadeiro desejo no coração de Loyola. Estudando na Universidade de Paris, vivenciou uma grande felicidade ao encontrar outros nove jovens que partilhavam esse sonho. Eles fizeram os *Exercícios Espirituais* criados por Inácio de Loyola e resolveram, juntos, transformar esse sonho em realidade, formando o grupo dos Companheiros de Jesus.

Loyola começou uma nova luta, não mais empunhando espadas e punhais. Sua arma agora era a fé.

Companheiro é um termo que se origina do latim *cum panis* e significa “sentar na mesma mesa, comer o mesmo pão”, ou seja, partilha os mesmos sonhos e ideais. Assim se sentiam os Companheiros de Jesus, estando sempre em Sua companhia, seguindo os passos do Mestre. Inspirados no amor de Cristo, criaram, em 1534, o grupo de companheiros que originou a Companhia de Jesus.

A confirmação espiritual de estar trilhando o caminho correto veio para Loyola três anos depois, em uma viagem a Roma, visitando uma pequena capela em La Storta, acompanhado por Pedro Fabro e Diogo Laínez. Cristo lhe apareceu pregado na cruz e o Pai lhe dizia: “Quero que tomes este por teu servidor.” Era o nascimento espiritual da Companhia.

Os companheiros estudavam e trabalhavam para construir a estrutura. Mais três anos se passaram até que, em 1540, o papa Paulo III aprovou o grupo oficialmente como ordem religiosa, conferindo-lhe a Carta Apostólica *Regimini Militantis Ecclesiae*.

Era o que faltava para a Companhia de Jesus ganhar força, crescer e alçar novos vãos. A educação logo se tornou prioridade, mesmo sem previsão nem planos traçados. Os papas, bispos e leigos pediam cada vez mais aos jesuítas a criação de escolas, o que fez da área educacional o principal trabalho da ordem.

A Companhia crescia e precisava de um coordenador para organizar suas ações. Em 1541 Inácio de Loyola foi eleito, por unanimidade, o primeiro superior geral e dirigiu, de Roma, a nova ordem, enviando missionários para toda a Europa para criar seminários, escolas, liceus e evangelizar. Loyola enviou também missões para o Oriente, comandadas por Francisco Xavier, um dos fundadores da Companhia; por sua atuação foi considerado o patrono das missões jesuíticas.

Santo Inácio de Loyola governou com pulso forte por 16 anos, priorizando a qualidade. Mesmo com esses critérios, a Companhia conquistou uma grande expansão. A ordem religiosa, que teve início em 1540 com nove sonhadores companheiros, em 1556, quando Loyola morreu, contava com cerca de uma centena de obras, tendo muitos colégios em destaque e mais de mil jesuítas espalhados em 13 províncias religiosas, a maior parte deles trabalhando com educação.

A obra dos jesuítas é a maior prova da realização do sonho de Santo Inácio de Loyola, que em 1622 foi canonizado pelo papa Gregório XV, passando a chamar-se Santo Inácio de Loyola.

O trabalho de Loyola se expandiu pelos continentes seguindo o processo de colonização com o crescimento das navegações. A Companhia de Jesus acompanhou os grandes navegadores mar adentro, para ajudar a desbravar novos mundos. Foi numa dessas viagens, em 1549, que o padre Manoel da Nóbrega chegou ao Brasil, junto com o primeiro governador-geral, Tomé de Souza, inaugurando no País o trabalho jesuítico.

Confirmando a vocação educacional, uma das primeiras ações do padre Nóbrega foi a fundação de uma escola de ler e escrever em Salvador, a primeira instituição de ensino do País. Os jesuítas davam, assim, início à história da educação no Brasil. A essa escola seguiram-se outras instituições de ensino, a princípio na região Nordeste, expandindo-se posteriormente junto com a colonização.

Um forte reforço chegou para o trabalho jesuítico com o jovem José de Anchieta, que veio para o Brasil, em 1553, com o segundo governador-geral brasileiro, Duarte da Costa. Um ano depois, no dia da comemoração da conversão de São Paulo, em 25 de janeiro de 1554, data devidamente escolhida por Nóbrega, os jesuítas fundaram no Planalto de Piratininga, região que fazia parte da Capitania de São Vicente, o Colégio São Paulo, em homenagem a esse santo. Esse foi o primeiro colégio do Brasil. Até então só havia escolas de ler e escrever, voltadas para leitura, escrita e canto. O grande objetivo dos jesuítas era a criação dos colégios, porque com eles preparariam novos missionários.

Nos arredores da instituição foram construídas casas que formaram o povoado de São Paulo de Piratininga. Era o nascimento da cidade.

Os jesuítas seguiram auxiliando o trabalho de colonização dos governadores, acompanhando a fundação de importantes locais. Sua ação tinha como base seus três maiores colégios, instalados na Bahia, no Rio de Janeiro e em Pernambuco. Estiveram presentes nos importantes momentos da construção do País, educando, catequizando, propagando a fé e dando o sangue por Cristo. Esses homens foram verdadeiros heróis da pátria, como o jesuíta Pero Correia, grande sertanista, considerado por Nóbrega como virtuoso e sábio, morto pelos índios em fins de 1554, a caminho do Paraguai. Herói como o mineiro João Bosco Penido Burnier, que entrou para a

Companhia em 1936 e morreu pelas mãos de um soldado da Polícia Militar de Mato Grosso, quando defendia duas mulheres que foram injustamente presas e torturadas.

Morrer pela fé, lutar defendendo a justiça. Assim ocorreu também com Inácio de Azevedo, português, e seus companheiros. Azevedo, que veio ao Brasil para se dedicar ao apostolado missionário, foi morto com mais 39 jesuítas em uma expedição que ia a Portugal, quando o navio foi assaltado por corsários calvinistas na altura da ilha Canárias. Jovens em formação, morreram cruelmente afogados no mar, mas deixaram vivos seus sonhos. Esses homens ficaram conhecidos como Mártires do Brasil e foram beatificados em 1854.

Essas histórias de luta só faziam aumentar a fé de tantos outros jesuítas que se dedicavam à missão divina em nosso País. No início do século 17, chegaram aos Estados do Ceará, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas. Por onde passavam, deixavam as marcas de seu trabalho educacional. Em meados do século XVII havia colégios em todo o litoral, de Santa Catarina ao Ceará.

Em dois séculos a Companhia de Jesus cresceu e se multiplicou. Em 1749, estava em cinco continentes com mais de 3 mil jesuítas que atuavam em 669 colégios, 176 seminários e 61 casas de estudos jesuítas. Havia 24 universidades que eram administradas total ou parcialmente pela ordem.

Essa brilhante obra foi interrompida em 1759, com o decreto do primeiro-ministro de Portugal, o marquês de Pombal, determinando a expulsão dos jesuítas de todas as possessões portuguesas. A ordem sofreu fortes perseguições em vários países, com muitos membros sendo até mesmo condenados pelos tribunais eclesiásticos e civis. Não tiveram direito à palavra, defesa ou julgamento.

Esse era só o início da campanha contra a Companhia de Jesus, que enfrentou a pressão dos poderosos que pretendiam eliminar o cristianismo e o catolicismo da vida cultural da Europa, inspirados principalmente por pensamentos iluministas radicais.

Essa campanha culminou com a supressão da Companhia pelo papa Clemente XIV em 1773. A ordem religiosa estava em seu auge, com 24 mil membros e uma forte atuação em todo o mundo.

Teria sido o fim da história da Companhia de Jesus, não fossem importantes resistências, como a de Catarina II, da Rússia, que nunca permitiu a supressão em seu país. Resistências como essa possibilitaram

manter viva a chama da ordem, que sobreviveu com pequenos grupos espalhados, somando não mais que duas centenas de jesuítas.

A Companhia de Jesus foi restaurada em 1814 pelo papa Pio VII. A retomada foi como um novo início, e os jesuítas voltaram com toda a força, prontos para dar continuidade à sua atuação. O desafio era então adaptar-se aos novos tempos sem perder a tradição. Mas não foram tempos de total tranquilidade. Eles enfrentavam ainda perseguições e expulsões, que continuaram até as primeiras décadas do século 20: foram expulsos da Bélgica, Rússia, Portugal, Espanha, Suíça e Itália.

Mesmo enfrentando toda essa resistência, eles estiveram presentes em importantes momentos da humanidade, oferecendo sua solidariedade, por exemplo, para ajudar a aliviar os sofrimentos provocados pelas duas Guerras Mundiais – 1914 e 1939 –, levando sempre auxílio, esperança, fé e dedicando sua vida a servir ao outro.

A vontade de retomar o trabalho foi maior e propiciou a superação das dificuldades, garantindo ainda mais progressos nesse recomeço. A chama que alimentou Loyola e os outros fundadores renasceu no coração dos novos jesuítas: houve a renovação dos estudos dos *Exercícios Espirituais*, a retomada do trabalho educacional e a volta da atividade missionária. Era o sonho inaciano renascendo com toda a força.

As mudanças ocorridas no século 20 levavam a Igreja Católica a promover adaptações para acompanhar o ritmo do mundo, e a Companhia de Jesus seguia de perto as modificações, participando ativamente, por exemplo, do Concílio Ecumênico Vaticano II, de 1962-1965, que visava à renovação, promovendo mudanças internas da Igreja.

Depois, a própria ordem preparou sua renovação, realizando a 31ª Congregação Geral (1965-1966), em que foi eleito para superior geral o padre Pedro Arrupe (1965-1983). O serviço da fé e a promoção da justiça foram destacados na 32ª Congregação Geral, em 1974. Realizada em 1983, a 33ª Congregação Geral elegeu como superior geral o padre Peter-Hans Kolvenbach.

Existem, atualmente, espalhados por 87 países, cerca de 4.600 jesuítas, além de leigos religiosos, que lecionam para mais de dois milhões e quinhentos mil alunos, dando continuidade ao trabalho iniciado por Santo Inácio de Loyola de promover a libertação e o crescimento de homens e mulheres, seguindo assim os passos do Mestre Jesus. Ao todo, são 3.450 instituições educativas jesuítas, entre universidades, seminários, colégios, escolas técnicas e as chamadas Redes de Fé e Alegria<sup>3</sup>.



## EDUCAÇÃO JESUÍTICA CHEGA A ITU

A Companhia de Jesus retornou para dar continuidade ao seu trabalho educacional, ampliando sua obra. No Brasil, os jesuítas voltaram a fundar novos colégios, espalhados em todas as regiões, do Sul ao Nordeste, disseminando sementes de conhecimento. Uma dessas sementes foi brotar nas terras férteis de Itu.

Educar com otimismo, amparado pela fé de que Deus trabalha em todo ser humano e em todas as coisas criadas. Este princípio, junto com tantos outros fundamentos da pedagogia inaciana, fez falta nos tempos em que a Companhia de Jesus esteve inativa. Quando o papa Pio VII decidiu restaurar a Ordem, ele o fez, entre outros motivos, pela necessidade de a Igreja Católica poder contar novamente com a experiência educativa dos jesuítas. Por isso, a retomada da Companhia teve a educação como prioridade.

A supressão tirou os jesuítas de circulação, mas não conseguiu apagar o resultado de seu trabalho, nem tirar a fé colocada nos corações, tampouco destruir o exemplo de suas obras. Não havia como esquecer o

Colégio Romano, inaugurado em 1551, primeiro seminário moderno. Havia tantos outros, como o Colégio Jesuíta de Gandia, na Espanha, destinado aos novos sacerdotes, que acabou admitindo jovens leigos por insistência dos pais; ou como o Colégio de Messina, na Sicília, o primeiro concebido especialmente para leigos, em 1548. “O amor está mais nas obras”, ensinou Loyola.

### RECOMEÇO EM TERRAS BRASILEIRAS

Eles foram chegando aos poucos, desta vez entrando pelo sul do País. Não sabiam o que iriam encontrar nem como estariam os colégios que implantaram com tanta dedicação: depararam-se com um sistema educacional esfacelado, que beneficiava apenas os que podiam pagar pelo serviço. A tentativa de organizar um sistema educacional gratuito na ausência dos jesuítas se desfez diante de obstáculos, como a falta de especialistas para planejar e executar um sistema de educação com qualidade, aliado ao interesse de se manter a estratificação socioeconômica. A taxa de analfabetismo girava em torno de 80 por cento.

O amor está mais nas obras  
que nas palavras.

*Santo Inácio de Loyola*

Fachada externa do Colégio São Luís,  
Itu, 1903.



Alunos e padres do Colégio São Luís junto à locomotiva, em Itu, século 18.

As missões argentinas começaram a apresentar problemas por volta de 1842, com as dificuldades provocadas pelo ditador Rosas. A tensão entre as partes aumentou, até que em 1845 os jesuítas foram expulsos daquele país. Vieram então para o sul do Brasil e fundaram, em Santa Catarina, o primeiro colégio depois do retorno da Companhia, que permaneceu em funcionamento por alguns anos. Esse foi o passo inicial para que o trabalho recomeçasse com toda a força: o colégio de Florianópolis logo prosperou, e em 1847 eles abriram uma escola de latim em Porto Alegre. Os bons resultados alcançados no sul estimularam a vinda dos padres; a partir de 1858 chegaram ao sul jesuítas alemães e italianos, fomentando a implantação dos colégios em diversas cidades daquela região. Surgiram também colégios no Rio de Janeiro, como o Anchieta, instalado em Nova Friburgo, e o Santo Inácio, do Rio de Janeiro. A missão dos japoneses construiu o Colégio São Francisco Xavier, e a missão dos russos e dos lituanos teve importante atuação em São Paulo.

Os jesuítas portugueses voltaram ao norte do Brasil em 1911, fundando no mesmo ano o Colégio Antônio Vieira, em Salvador, e o Instituto São Luís de Caiteté. Criaram ainda o Colégio Nóbrega, em Recife, semente da atual Universidade Católica de Pernambuco.

O fim do século 19 e o início do século 20 foram uma época bastante frutífera para a Companhia de Jesus, que conseguiu se restabelecer no País e promover a educação de forma abrangente, reforçando as ações e aumentando a atuação em regiões antes abandonadas. Os jesuítas espalhavam suas sementes nas diversas regiões brasileiras, cuidando sempre para que crescessem fortes e dessem bons frutos. Lá pelos idos de 1863, uma dessas sementes foi brotar em Itu.

#### UMA CIDADE EM EXPANSÃO

Itu foi fundada em 1610 com a construção, por Domingos Fernandes, de uma capela devotada à Nossa Senhora da Candelária. Quase meio

Estátua de Santo Inácio de Loyola que se encontra na Capela da Conversão, em Loyola, na Espanha.



século depois, tornou-se vila, sendo considerada, em meados do século 19, a mais rica da província. A prosperidade veio graças ao cultivo do algodão e da cana-de-açúcar. Sua riqueza econômica propiciou que, em 1857, fosse elevada à condição de cidade.

Contudo, uma grande crise no mercado internacional de açúcar, por volta de 1860, prejudicou o plantio da cana e dificultou o desenvolvimento de Itu. Nessa época, o café começava a ser valorizado e os agricultores ituanos foram substituindo o açúcar pelo ouro verde, retomando a prosperidade da cidade.

O crescimento econômico trouxe não só mais riquezas, mas também pessoas buscando novas oportunidades e desenvolvimento. A cidade se expandia e iria precisar de uma estrutura maior para acompanhar o crescimento, como uma escola, para garantir a boa educação aos moradores da região. Foi nesse ponto que a atuação dos jesuítas fez a diferença.

#### BOA IDÉIA EM ALTO-MAR

O vapor *Guyenne* fazia calmamente sua travessia pelo oceano Atlântico rumo ao Brasil. No navio, que partiu de Bordeaux, na França, em 25 de agosto de 1863, vinham grandes homens trazendo seus grandes sonhos. Entre esses homens havia três sacerdotes jesuítas, cada qual com sua missão; eles aproveitaram o encontro da viagem para trocar idéias e partilhar suas aspirações.

O padre Anthelmo Goud, capelão do Colégio São José de Chambéry, em Itu, voltava de uma viagem à Europa; o padre Jacques Razzini, visitador da Companhia de Jesus, vinha negociar a abertura de um colégio na cidade de Desterro, em Santa Catarina; e o padre Emídio Pardocchi acompanhava o padre Razzini.

Talvez pela felicidade do encontro de três sacerdotes envolvidos com a educação no Brasil, talvez pelo cenário, perfeito para novas idéias, surgiu a grande inspiração: construir uma escola para meninos em Itu.

#### ORIGEM DO NOME DO COLÉGIO

Padroeiro dos jovens estudantes e da juventude católica, São Luís Gonzaga é o santo homenageado no nome do colégio. No dia 12 de maio, data da inauguração da escola, comemora-se a primeira dominga – liturgia católica realizada aos domingos – das seis que honram os seis anos de vida religiosa de São Luís.

Ele nasceu em Castiglione, na Itália, no dia 9 de março de 1586. Filho de nobres, seu pai queria que seguisse seus passos e fosse soldado. Mas logo cedo ele ouviu a voz de Deus em seu coração e aos sete anos começou sua rotina de oração e penitência. Aos 16 anos, decidido a se tornar sacerdote, precisou enfrentar a resistência do pai. Convencido da vocação religiosa do filho, acabou aceitando a decisão, e Luís abdicou de seus benefícios como primogênito em favor do irmão mais novo. Aos 18 anos ingressou na Companhia de Jesus, em Roma. Um dia, hospedado em um colégio da Companhia em Milão, teve a revelação de sua breve morte. Voltou a Roma e dedicou-se a cuidar das vítimas de uma epidemia que devastava a cidade. Adquiriu também a doença, falecendo em 21 de junho de 1591, com 23 anos. Foi canonizado em 1723.

**Mudança ortográfica** - Quando o colégio foi fundado, seu nome era grafado São Luiz, seguindo a regra ortográfica da época. Com a reforma ortográfica implementada na década de 1940, o nome passou a ser grafado com “s”, tornando-se Colégio São Luís.

A idéia nasceu do padre Goud e logo envolveu o padre Razzini, que se comprometeu a visitar a cidade antes de seguir viagem para o Sul, para conhecer a região.

Chegando primeiro, o padre Goud fez os preparativos e, quando o padre Razzini chegou a Itu, achou o local excelente para a instalação de um colégio; como tudo estava encaminhado, resolveu-se facilmente essa questão. Em 1865, a idéia de um novo colégio animava a cidade e o vigário local, o padre Miguel Correa Pacheco, ofereceu-se para assumir as despesas da vinda e da instalação dos jesuítas na cidade.

No dia 13 de dezembro do mesmo ano, uma comitiva entrou na cidade de Itu, por volta de 10 horas, guiada pelo padre Razzini, acompanhada por cerca de 40 cavaleiros das melhores famílias ituanas, anunciando a chegada dos quatro jesuítas que iriam fundar o colégio: padre Antonio Onorati, padre Bartolomeu Taddei, irmão José Giommi e irmão coadjutor Afonso D'Amicis.

Itu estava em festa com a perspectiva de um novo colégio e todos os preparativos corriam bem. O antigo Convento dos Franciscanos foi alugado para abrigar a escola, mas a realização desse sonho precisou ser adiada por conta de obstáculos que começaram a surgir no caminho, exigindo fé e persistência.

#### COLÉGIO NASCE PELA MÃO DA PROVIDÊNCIA

A primeira dificuldade para a instalação do colégio surgiu pelo simples fato de o corpo docente ser composto por jesuítas estrangeiros, o que levou o Inspetor Provincial da Instrução Pública, dr. Diogo de Mendonça Pinto, a negar a licença para o funcionamento da instituição.

Depois de dois anos de insistentes tentativas, o desânimo começou a tomar conta dos padres envolvidos na obra, dos ituanos que se esforçavam em ajudar, e os jesuítas pensavam em partir. Preocupadas com a situação, algumas famílias de Itu resolveram agir mais intensamente: o sr. Antonio Augusto Guaianaz e o tenente Luciano Francisco de Lima

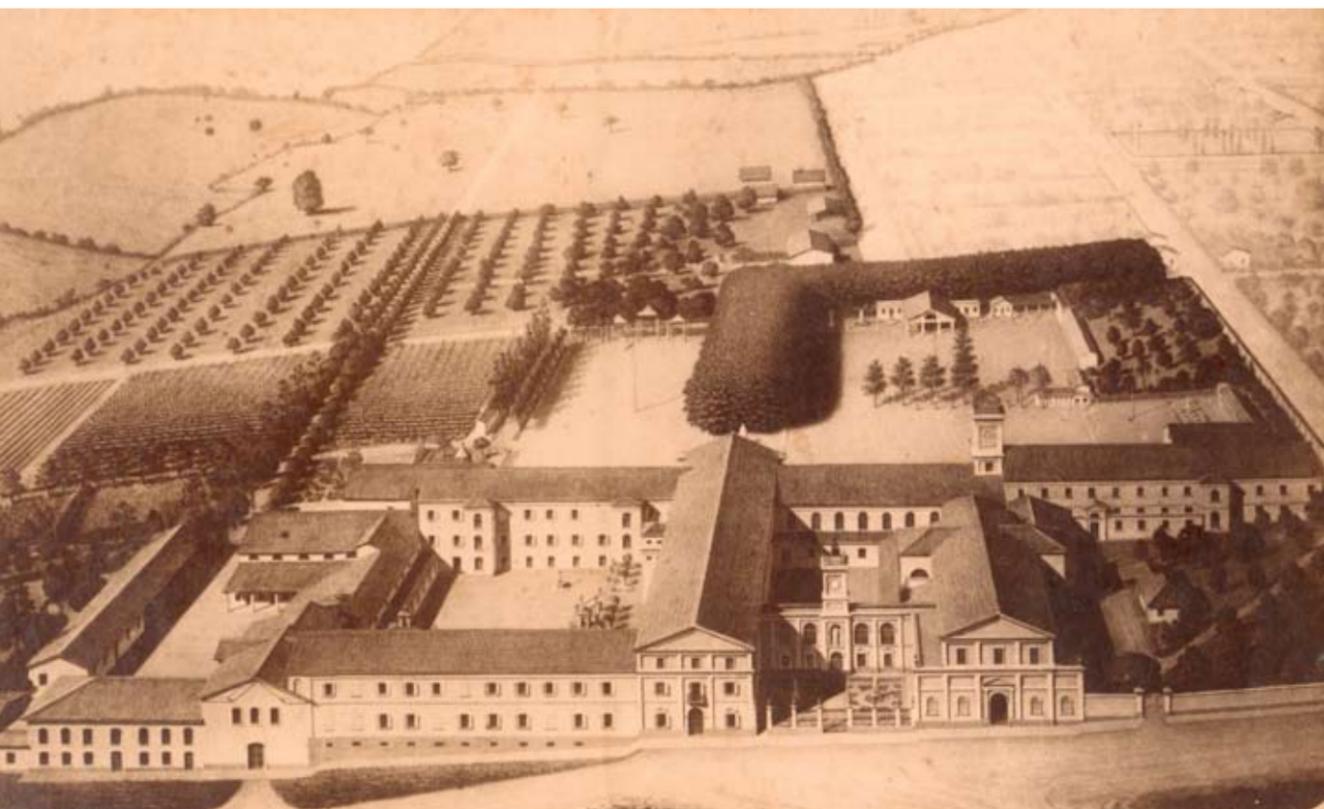


Convento São Luiz de Tolosa, em Itu, 1867 – 1872.

foram falar com o inspetor para demonstrar o prejuízo que seria para a cidade a perda do colégio, mas não obtiveram sucesso. Sem se conformar com a negativa, Guaianaz foi pedir ajuda à corte, onde conseguiu a tão esperada autorização, com a condição de que o padre Jerônimo Pedroso de Barros, brasileiro, capelão do Recolhimento de Nossa Senhora das Mercês, fosse o reitor do colégio. A notícia chegou em boa hora, pois os superiores tinham acabado de determinar a desistência da fundação da escola. Houvesse mais demora em conseguir a autorização para o funcionamento do colégio e isso não mais seria possível. A intervenção da Providência Divina possibilitou que no dia 12 de maio de 1867 Itu ganhasse uma nova unidade de ensino, e foi com festa que a cidade recebeu o Colégio São Luís. A escola, que nasceu

Adolpho Augusto Pinto, primeiro aluno matriculado no Colégio São Luís, 1867.





Vista aérea do Colégio São Luís, em Itu, século 19. Ao lado, fachada interna do Colégio São Luís, em Itu, 1903. Abaixo, alunos em Itaici, interior de São Paulo, 1917.

pelo clamor popular, comemorou sua inauguração com uma missa cantada pelo padre Taddei, tendo à frente os dezoito alunos fundadores, já devidamente uniformizados, terminando a festa com sessão literária e musical.

Logo o convento ficou pequeno e surgiu a necessidade de procurar um novo lugar que comportasse melhor as atividades e oferecesse maior conforto aos estudantes. Para conquistar essa realização, os jesuítas receberam do padre José Galvão de Barros França a chácara com o sobrado que o seu tio, o padre jesuíta José de Campos Lara, deixou em herança para a construção de um colégio religioso. Com o empenho e a dedicação dos jesuítas, em 1872 as aulas começaram já nas novas instalações.

Mais uma vez a mão da Providência pairou sobre o colégio e o desejo do jesuíta Lara soou como profecia, pois antes de morrer fez questão de avisar aos amigos que junto ao seu sobrado “havia futuros jesuítas de estabelecer uma grande casa de educação”.



**D. PEDRO II VISITA O SÃO LUÍS**

D. Pedro II percorria o País em 1875, em suas rotineiras viagens. Estando em Itu no dia 24 de agosto, decidiu conhecer as instalações do colégio.

O imperador percorreu todo o edifício e, como era seu costume em visitas desse tipo, examinou cinco alunos: um em filosofia, dois em latim, um em geometria e um em português. Depois de duas horas, deixou a escola tecendo elogios sobre o São Luís à sua comitiva.

Nessa época acirravam-se os conflitos do Império com o movimento republicano, com o Exército e com a Igreja. Por essa desavença, quando visitou novamente Itu, em 1886, D. Pedro II não foi à escola.

Em meados de 1880, em conversa com um senador e conselheiro de estudo que viajaria para colocar o filho naquela instituição ituana, a manifestação do imperador sobre o São Luís foi: “É um bom colégio”. Apesar da crise e da ausência, ele continuava a elogiar o Colégio São Luís e reconhecer sua qualidade de ensino.

Primeiras Letras do irmão Soriani,  
Itu, 1899.

**FERROVIA OFERECE NOVOS RUMOS**

O trem dava o aviso de partida. Na estação, moradores de toda a cidade, incluindo os alunos e mestres do colégio São Luís, foram presenciar a inauguração da estrada de ferro em Itu, em 1873.

A novidade era sinal dos novos tempos e refletia o resultado da riqueza proporcionada pelo café à região.

A agricultura tomou grandes proporções e foi preciso buscar um novo meio de transporte que agilizasse e facilitasse o escoamento da produção entre as cidades. A chegada do trem ajudou também nas viagens dos padres, que antes eram feitas a cavalo.

A novidade refletiu-se ainda na quantidade de alunos do colégio, que teve um grande aumento. Estudantes de cidades vizinhas passaram a estudar no São Luís. Também chegavam alunos de todas as regiões do País, o que criou a necessidade de novas construções.

Em 1879 tiveram início as reformas, que incluíram o salão de atos, um novo refeitório, salas de aula e dormitórios. As áreas externas – pátios e jardins – também receberam melhorias. Os alunos que não voltavam para casa nas férias, devido à grande distância, ganharam em 1894 uma colônia de férias, com a aquisição da Fazenda Taipas, no local onde hoje se situa Itaiçi, na região de Indaiatuba. Na década de 1950 o local passou a servir de residência para padres, irmãos e noviços. Atualmente, onde existia a antiga fazenda, está a Vila Kostka, um lugar destinado a retiros inicianos e onde é realizado um dos mais importantes eventos da Igreja no País, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB.

Essa grande procura pelo colégio demonstrava a qualidade do ensino oferecido na instituição e refletia-se no crescimento constante do número de alunos. Dos quase 70 estudantes que estavam presentes no final do primeiro ano, o São Luís passou a abrigar mais de 600 no ano de 1894. Era a força dos princípios jesuítos comprovando que uma educação humanista de qualidade é o sonho de ensino que os pais querem deixar de herança para seus filhos.

Dormitório dos alunos,  
em Itu, 1903.





## EM BUSCA DE UM NOVO LAR

As doenças que atingiram a cidade de Itu levaram os diretores do colégio a buscar um lugar em São Paulo para abrigar a nova sede da instituição. Na Avenida Paulista, eles encontraram exatamente o que procuravam para crescer e expandir-se na capital paulista.

Às vezes é necessário mais do que bons profissionais e medicamentos para vencer doenças: é preciso solidariedade. Essa afirmação é tão mais verdadeira quanto maior é o agravante da situação de saúde, e ganha um novo significado quando envolve diversas pessoas e uma doença grave, muitas vezes fatal, como no caso das epidemias.

Muitas cidades do interior do Estado de São Paulo puderam sentir na pele a realidade de um surto epidêmico nos últimos anos do século 19. Itu e, por consequência, o Colégio São Luís, não escapou dessa difícil realidade. Isso ocorreu devido a fatores como o aumento da população nas áreas endêmicas de algumas doenças, como locais em que a febre amarela era uma constante e a falta de condições sanitárias, com

sistemas precários que não acompanharam as necessidades provenientes do crescimento das cidades.

O Colégio São Luís chegou a fechar suas portas, junto com outras escolas de Itu, durante os períodos de surto, como em 1888, quando uma epidemia de varíola contagiou 20 alunos da instituição e provocou a morte de três de seus jesuítas. Mas enquanto os portões estavam cerrados para os estudantes, eles se abriam para que os jesuítas pudessem ajudar no tratamento e alívio do sofrimento dos doentes.

A cidade ainda se recuperava dessa doença quando, em abril de 1892, uma nova epidemia se espalhou pela região: a febre amarela. Dessa vez as aulas foram suspensas por ordem do governo. Mais da metade dos 7 mil habitantes ficou doente e, destes, 500 faleceram.

Os efeitos da febre amarela ainda não tinham deixado a memória dos moradores quando Itu foi acometida, em 1897, por uma epidemia de febres de diferentes causas. Foi o golpe derradeiro na cidade: as pessoas se mudavam para fugir das doenças e Itu foi perdendo sua força e vitalidade. Esse enfraquecimento refletiu-se diretamente no Colégio

*A boa educação é moeda de ouro, em toda parte tem valor.*

*Padre Antônio Vieira*

Detalhe da vista interna do Colégio São Luís, São Paulo, 1924.



Alunos no pátio do Colégio São Luís, em Itu, 1903.

São Luís, que enfrentava dificuldades para se manter na cidade devido à escassez de padres e mestres jesuítas para atuar no internato. Era preciso buscar um novo lar.

#### NOVOS HORIZONTES NA CAPITAL

As casas iam surgindo desordenadamente por toda a cidade de São Paulo. As ruas eram prolongadas, alargadas, um trecho unia-se a outro formando novos bairros. Assim crescia a capital paulista em meados do século 19, fazendo com que a cidade fosse perdendo seu jeito provinciano, até se tornar uma metrópole, em meados do século 20.

A partir de 1870 começou uma nova fase para a cidade e as novidades iam se somando tão rapidamente que a população mal dava conta de assimilar as informações: a criação da primeira linha telegráfica, novos empreendimentos, a chegada da primeira estrada de ferro do Brasil ligando a capital paulistana ao porto de Santos. O crescimento econômico provocado pelo café também teve forte influência na formação do novo panorama.

Imigrantes europeus chegavam a todo momento, buscando oportunidades para realizar o sonho de uma vida mais próspera; vinham para trabalhar no comércio e nas áreas de serviços, ou atraídos pelas indústrias que se multiplicavam e faziam de São Paulo o principal centro industrial do País. A área central da cidade não era mais suficiente para suportar o crescimento, levando as famílias a formar novos bairros.

Nesse novo momento de São Paulo, começou a surgir uma avenida inspirada nas grandes vias européias, atraindo a burguesia que estava nascendo na cidade. Casarões ladeavam o espaço batizado com um nome tipicamente paulistano: Avenida Paulista. Inaugurada em 1891, logo se tornou referência, passando a ser conhecida também como “Avenida dos Casarões”.

Gravura com vista aérea do Colégio São Luís, Itu, 1903.



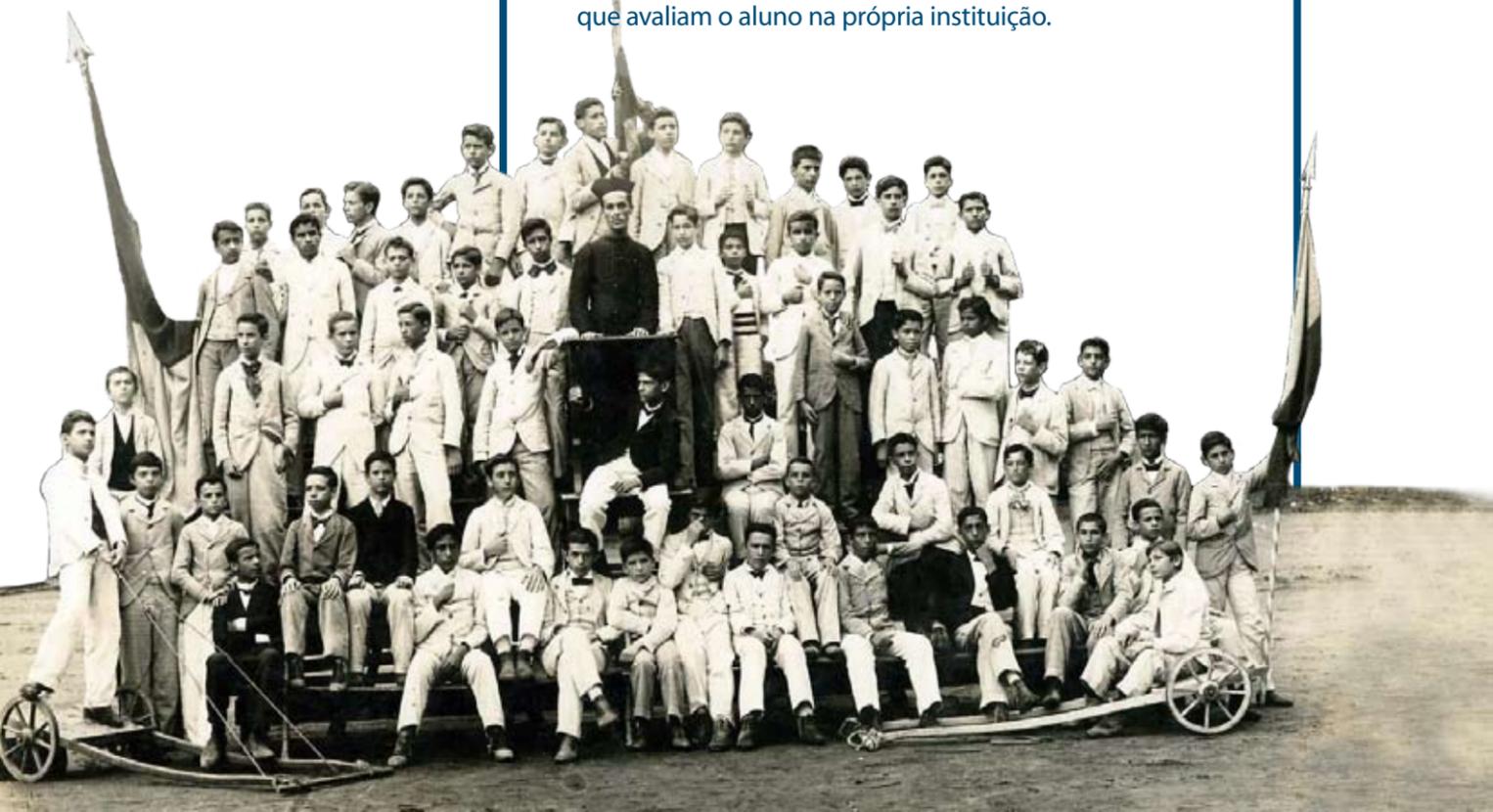
### EXAMES EM SÃO PAULO

Desde 1882, para realizar os exames perante as bancas oficiais de ensino, os alunos do Colégio São Luís de Itu seguiam para São Paulo, acompanhados dos padres. Hospedavam-se na cidade, primeiro em hotéis e casas de amigos ou no Palácio Episcopal. Depois, para oferecer maior conforto durante a estada em São Paulo, o colégio adquiriu uma casa na Rua da Glória.

Em 1900, por meio de um decreto, o colégio foi equiparado ao Ginásio Nacional do Rio de Janeiro, do Colégio Pedro II, com direito de conferir grau de bacharel em Ciências e Letras. Não era mais preciso fazer a viagem a São Paulo para realizar o exame.

A Lei Orgânica de Ensino, promulgada em 1911, revogou o decreto de 1900, exigindo novamente a ida dos alunos a São Paulo para prestar o exame. Essa situação só mudou definitivamente a partir de 1916, quando começaram a funcionar, nos próprios colégios, as bancas examinadoras, que avaliam o aluno na própria instituição.

Turma dos médios, Itu, 1899.



O cenário começava a ganhar novas formas. Os bondinhos de burros não eram os únicos meios de transporte a circular pelas ruas da capital. Ainda no final do século 19 eles começaram a dividir espaço com os bondes elétricos, e no início do século 20 chegou o automóvel. Em 1911, cerca de 2 mil carros estavam espalhados pelas ruas da cidade, trafegando junto com carruagens descobertas puxadas por cavalos e tílburis.

Para acompanhar as mudanças, o centro urbano passou por reformas viárias nas primeiras décadas do século 20, que incluíram alargamentos, prolongamentos e melhor pavimentação das vias públicas. A Avenida Paulista foi a primeira via pública a receber asfalto e arborização, preparando-se para a fase de crescimento que chegaria em um futuro próximo.

### SÃO LUÍS CHEGA À PAULISTA

No início do século 20, o Colégio São Luís completava 50 anos (1917) e enfrentava com coragem o avanço das epidemias na cidade de Itu, que se refletia na falta de jesuítas para atuar na instituição e também na redução expressiva do número de alunos. Esses problemas levaram os padres a tomar a decisão difícil, mas inevitável: mudar o colégio de Itu para São Paulo.



Grupo de alunos, São Paulo, 1924.



Vista interna do Colégio  
São Luís, São Paulo, 1924.

Os padres conseguiram vender o conjunto do colégio ao Exército, para a instalação de um quartel. Esta novidade diminuiu em parte o descontentamento que os moradores de Itu sentiram com a perda do São Luís.

O desafio era agora encontrar um local em São Paulo para abrigar a instituição. Esta não era uma tarefa fácil porque a maioria dos imóveis era pequena demais para o funcionamento de uma escola, e as edificações maiores tinham um custo muito alto. Em um passeio dos noviços pela Vila Mariana surgiu a solução, quando eles souberam que o Colégio Anglo-Brasileiro estava vendendo sua sede, localizada na Avenida Paulista. Logo foram feitas as negociações e o edifício foi adquirido.

Em março de 1918 o Colégio São Luís começou a funcionar, como externato e internato, no trecho entre as ruas Bela Cintra e Haddock Lobo, na Avenida Paulista. Infelizmente, naquele mesmo ano, uma epidemia de gripe espanhola invadiu a capital paulista, obrigando todos os colégios a suspenderem as aulas. A doença, que chegou ao Brasil nos navios que vinham da Europa, espalhou-se rapidamente e provocou a morte de mais de 8 mil pessoas em São Paulo.

As ruas ficaram vazias, as pessoas tinham medo de sair de casa e se contaminar, doentes eram abandonados pelas famílias. Como sempre, seguindo os preceitos da Companhia de Jesus, os jesuítas estiveram presentes durante toda a epidemia, prestando ajuda material e espiritual aos enfermos. Um pavilhão foi cedido pela escola para o atendimento de doentes, passando a funcionar como hospital.

Com o fim da epidemia, a situação se normalizou e as aulas recomeçaram em fevereiro de 1919. Era o início de uma nova era para o São Luís.

Alunos e professores, São Paulo, 1925.



### **COLÉGIO QUASE VIRA HOSPITAL NA REVOLUÇÃO DE 1924**

Um levante militar contra as oligarquias, que começou no dia 5 de julho de 1924, na capital paulista, transformou-se em revolução – conhecida como “Revolução de 1924”, a qual fazia parte do Movimento Tenentista – que entraria para a história do País. As ruas da capital foram tomadas pelos confrontos entre os rebeldes e os legalistas. Dentro do Colégio São Luís ouviam-se os tiros de canhão e os tiroteios na Avenida Paulista e na Rua da Consolação. Os edifícios e residências eram atingidos por granadas.

O confronto continuou durante todo o mês de julho. Muitas famílias deixavam a cidade, fugindo para o interior ou indo para bairros mais afastados. O presidente do Estado, Carlos de Campos, também fugiu da capital. Os que ficaram na cidade estavam incomunicáveis, sem telégrafo, correio ou telefone. A população, necessitada de alimentos, procurava no colégio ajuda e comida.

Com os embates, eram muitos os feridos e o sistema de saúde não dava conta de atender a todos. Por isso uma parte do colégio foi requisitada e ali foi montado um hospital provisório, com envio de leitos e mantimentos. Com a entrada das tropas legalistas no final de julho e a retirada dos rebeldes, a revolta chegou ao fim. O hospital do colégio não chegou a funcionar. A cidade ia aos poucos voltando à normalidade e as aulas recomeçaram na primeira semana de agosto.



## CRESCENDO COM A METRÓPOLE

Com imigrantes e migrantes a cidade de São Paulo cresceu no século 20. A capital paulista se espalhou, ampliando seus limites e encontrando as cidades vizinhas. Para acompanhar os passos desses novos tempos, o São Luís procurou se modernizar. Para atender à demanda do aumento de alunos o colégio ganhou mais espaço e novos cursos.

Os tiros dos canhões foram cessando aos poucos e o mundo começava a se preparar para se recuperar dos estragos provocados pela Primeira Guerra Mundial. Com o fim da guerra, em 1919, começou a diminuir o fluxo de europeus que buscavam em São Paulo novas chances profissionais e um refúgio de paz.

Estabelecidos, italianos, portugueses, espanhóis, japoneses, árabes e estrangeiros de tantos outros lugares aproveitavam as oportunidades proporcionadas pelo crescimento econômico que a cidade viveu no final do século 19 e contribuíam para que a capital crescesse ainda mais.

*As mais importantes verdades são as que mais facilmente se compreendem.*

*Daniello Bartoli,  
historiador jesuíta*

Nesse momento em que a imigração começou a diminuir, um novo movimento teve início e logo foi notado na capital paulistana: a migração interna. Brasileiros de vários Estados procuravam em São Paulo a chance que sua terra natal não lhes dera de prosperar, aproveitando a época propícia que a cidade vivia.

Como uma onda que começou pequena e aos poucos foi ganhando volume, o fluxo de migrantes teve início de forma modesta, mas logo ganhou importância e provocou impacto pelo seu rápido crescimento. Se nos primeiros anos da década de 1920 ainda se mantinha em equilíbrio a balança da imigração e migração, em 1928 o número de brasileiros que vinha de outros Estados para São Paulo era maior que o de estrangeiros, e em 1934 a imigração tinha sido definitivamente superada pela migração, que seguiria em crescimento nas décadas posteriores. Os estrangeiros continuaram chegando; principalmente no final do século 20, houve um intenso fluxo de coreanos, chineses, bolivianos e nigerianos na capital paulistana, mas o número de imigrantes não mais superou a quantidade de brasileiros que saíam de suas cidades e Estados em busca do sonho de prosperidade em São Paulo.

*Concorrentes de corrida de bicicletas, São Paulo, 1924;  
batalhão colegial desfilando na Avenida Paulista, 1942.*

### **PADRES E ALUNOS ATUAM NA REVOLUÇÃO DE 1932**

Em um comício organizado no dia do aniversário de São Paulo, em 25 de janeiro de 1932, as oposições reuniram mais de 100 mil pessoas na Praça da Sé exigindo uma constituição para o País e autonomia para o Estado. No mês seguinte foi formada a FUP – Frente Única Paulista. Com a pressão, o governo central nomeou um interventor civil para o Estado e marcou para 1933 eleições para a Assembléia Constituinte. Mas a oposição ainda não estava satisfeita e os conflitos continuavam. No dia 23 de maio, durante a tentativa de invasão de um jornal tenentista, quatro estudantes morreram: Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo – suas iniciais formaram a sigla MMDC, que se tornou o símbolo da revolta que eclodiu no dia 9 de julho.

O exército constitucionalista teve, em poucos dias, mais de 200 mil pessoas alistadas, e destas, 30 mil foram à luta contra o governo de Getúlio Vargas. Muitos padres e alunos atuavam intensamente na revolução, sendo liberados mais cedo da escola para participar dos comícios e manifestações nos dias que antecederam a revolta.

Os revoltosos resistiram durante três meses contra a artilharia e as tropas legalistas que vieram de todos os fronts; renderam-se em 1º de outubro, depois da morte de 633 paulistas.

Vargas mandou prender e exilar centenas de pessoas, entre elas muitos ex-alunos do colégio. As aulas foram retomadas após a revolução, mas muitos alunos não voltaram, seguindo em combate com as tropas; vários padres tornaram-se capelães e seguiram com as forças revolucionárias para o interior.

Batalhão de revolucionários em Cruzeiro, agosto de 1932.



### **UMA NOVA ARQUITETURA**

O crescimento intenso vivido pela cidade conseqüentemente refletiu-se em sua urbanização, multiplicando em grandes proporções as edificações, que passaram de menos de 60 mil em 1918 para 300 mil em 1953. A agilidade com que o fluxo de novos habitantes ocorria não permitia haver tempo para realizar um planejamento urbanístico, resultando em um desenvolvimento desordenado, com bairros que não se ligavam entre si, ruas que eram prolongadas sem previsão de organização. Essas modificações provocaram uma crise na habitação.

Bairros tradicionais entraram em decadência, fazendo com que a elite procurasse regiões mais tranquilas, sem tanto trânsito, violência e poluição. A cidade se expandia em direção à periferia, prolongando os limites do município, encontrando as cidades vizinhas e integrando-se a elas. Em busca de novos espaços, a população invadiu áreas de proteção ambiental nos limites da cidade e a poluição produzida nesses locais passou a colocar em risco os mananciais responsáveis pelo abastecimento de água.

No Centro, o crescimento ocorreu verticalmente, com prédios cada vez maiores, marcando a década de 1930 com o aparecimento dos arranha-céus, que transformaram a paisagem e a arquitetura da cidade. Foi nessa época, mais precisamente em 1934, que a metrópole ganhou seu maior arranha-céu da época, o Edifício Martinelli, com 26 andares e 105 metros de altura.

São Paulo se transformava. A arquitetura colonial ia aos poucos dando lugar ao estilo europeu de construção, mudando a cara da cidade. Algumas edificações eram substituídas, como a antiga catedral e a Igreja de São Pedro dos Clérigos, que foram modernizadas seguindo os padrões em moda na Europa.



## TRANSPORTE BUSCA NOVOS MEIOS

Em meados da década de 1940, com o Plano de Avenidas implantado pelo então prefeito Prestes Maia, o sistema viário ganhou importância e recebeu investimentos, preparando as ruas para comportar o fluxo dos automóveis que se multiplicavam quase na mesma proporção em que crescia a população da capital. A instalação da indústria automobilística em 1953 popularizou o uso dos carros.

A expansão da cidade aumentava as distâncias entre as localidades. Por isso, apesar do crescimento do número de automóveis em circulação, a locomoção tornava-se um problema cada vez maior, agravado pela situação precária do transporte coletivo.

No início do século essa preocupação já estava presente, principalmente depois da seca de 1924, quando a Light precisou suspender várias linhas de bonde por falta de força elétrica. Empresários tentaram investir no setor para encontrar alternativas que substituíssem os bondes elétricos, sem obter sucesso.

Somente na década de 1920 o auto-ônibus tornou-se uma realidade, apesar de ainda não ser uma solução.

O passo decisivo para a implantação de um transporte coletivo que atendesse às necessidades de uma metrópole em constante crescimento só aconteceria efetivamente em 1966, depois de muitas propostas e projetos que não chegaram a uma opção conclusiva. Nessa época foi criado o Grupo Executivo Metropolitano – GEM, que tinha por objetivo colocar em prática o plano do engenheiro Prestes Maia, um projeto constituído por três linhas de um sistema de transporte coletivo rápido sobre trilhos, que mais tarde seria chamado de Metrô. A construção da primeira linha teve início em 14 de dezembro de 1968, finalizando em 1975. A implantação da rede continuou durante as décadas seguintes, com planos de expansão em vários trechos, além da criação de novas linhas, formando uma rede que cobrisse as principais regiões de São Paulo.

Em 1980, com a intenção de implantar um trecho considerado prioritário devido ao crescimento na região da Avenida Paulista, a companhia operadora do Metrô projetou a Linha 2, com extensão prevista de 4,7 quilômetros e seis estações, inaugurada em 1991. Com o constante desenvolvimento e expansão da área, esta linha foi ganhando novos trechos, até que em 2006 somava 9,6 quilômetros de extensão, com dez estações.

Durante esse período a Paulista se transformou em um importante corredor comercial e empresarial, de vital importância para a cidade. Por isso, a iniciativa garantiu um grande benefício aos estabelecimentos instalados na região, como o Colégio São Luís, que buscava inovar sempre para seguir o progresso da metrópole.

#### COLÉGIO ACOMPANHA AVANÇOS

Seguir o ritmo de uma cidade que cresce vertiginosamente, como ocorria com São Paulo, era um verdadeiro desafio. A direção do Colégio São Luís esforçava-se em aproveitar os bons ventos que sopravam sobre a cidade para oferecer um ensino de qualidade, apoiado na proposta humanista que norteia a Companhia de Jesus, seguindo as inovações do progresso. A localização privilegiada da instituição – em uma área que apresentava constante desenvolvimento –, somada à reconhecida qualidade de ensino, proporcionou um crescimento contínuo do número de alunos. O São Luís crescia junto com a cidade.

Para atender à demanda de estudantes e oferecer boas instalações era preciso realizar reformas e aumentar o espaço físico da escola. Essas eram medidas essenciais para a instituição e passaram a fazer parte de um projeto que previa diversas modificações e ampliações.

As reformas começaram no início da década de 1920, com a construção da ala direita da escola e de uma portaria com escadas. A diretoria escolheu manter a fachada do edifício, em estilo neoclássico.

O aumento do número de alunos exigia mais espaço. Por isso, em 1932, teve início a construção de um novo edifício. O projeto do prédio pos-

Casa de campo do Colégio São Luís, 1942.



Alunos do Colégio São Luís utilizavam o bonde Grande Avenida para ir à aula, na década de 1940.

Alunos em sala de aula,  
São Paulo, setembro de 1931.



suía vantagens especiais: além de ser bem planejado e garantir o bom aproveitamento do local, contou com uma qualidade extra ao valorizar o trabalho de um antigo aluno, Luís de Anhaia Melo, que assinou a obra. Já no início das aulas de 1933, parte do novo prédio pôde ser utilizada, com a ocupação de três salas de estudo e 11 salas de aula.

Na mesma época em que o novo prédio era erguido, começou a ser construída a capela do colégio, que teve sua pedra fundamental lançada no dia do padroeiro das escolas católicas, São Tomás de Aquino, em 7 de março de 1935. Em 10 de abril de 1966, com a criação da Paróquia de São Luís Gonzaga, a capela foi transformada em Igreja Matriz, passando a chamar-se Igreja de São Luís.

As benfeitorias realizadas no colégio nessa época melhoraram a estrutura, permitindo atender com conforto e qualidade os alunos que procuravam a instituição. Entretanto, São Paulo continuou crescendo e se modificando, e no final dos anos 1960 a região da Avenida Paulista estava completamente diferente. Não era mais a avenida elegante cheia de grandes casarões de famílias tradicionais paulistanas; o lugar

Semi-internos menores, 1926.



perdeu o estilo residencial, transformando-se em uma área de serviços, o que suscitou dúvidas entre os responsáveis pela escola em permanecer naquele local.

A instituição chegou a comprar um terreno no Morumbi para ali construir uma nova unidade, mas a idéia foi abandonada devido ao isolamento do bairro e à dificuldade que a mudança causaria para os jovens que faziam o curso noturno e trabalhavam no Centro.

A decisão foi permanecer na Paulista, mas seria necessário ampliar as instalações, oferecer aos alunos uma estrutura maior e melhor, mais moderna e adequada às necessidades da época. O começo da construção do prédio da Rua Haddock Lobo, em 1967, marcou o início desse sonho. Três anos depois foi feito um planejamento arquitetônico que previa integrar toda a quadra da Avenida Paulista, que pertencia ao colégio, em um conjunto único. Esse projeto permitiria aproveitar totalmente o espaço disponível, garantindo a estrutura de que a escola precisava. No início da década de 1970, o prédio da Haddock Lobo estava pronto e o da Paulista foi demolido.

Fachada do Colégio São Luís, São Paulo, anos 1970.





Vista externa do Colégio São Luís,  
São Paulo, década de 1960.

A expansão continuou nos anos seguintes. O prédio da Bela Cintra foi derrubado em 1984 para dar lugar ao Edifício Manoel da Nóbrega, e em 1998 teve início a construção do Edifício São Luís Gonzaga, que ficou pronto dois anos depois.

Estava concluído o plano de ocupação da quadra. Foram 30 anos de espera, luta, persistência, paciência e principalmente fé. A fé que move a Companhia de Jesus desde seus primórdios, fé que traz a certeza de que investir em educação é sempre a melhor opção e de que, quando se está no caminho certo, a Providência Divina se encarrega de ajudar e retribuir o esforço dos homens.

#### JOVENS CARENTES GANHAM CURSOS NOTURNOS

Os meninos carentes da região da Paulista aprendiam sobre fé e Deus nas aulas de catecismo do irmão Olavo Pereira. Durante o curso e na recreação realizada com as crianças, ele percebeu a dificuldade que as crianças tinham com o aprendizado. Para ajudá-las, começou a dar aulas de reforço no período noturno, em algumas salas da casa da Rua Bela Cintra.

A cada dia chegavam mais garotos precisando de ajuda e reforço, e logo a casa estava lotada. Foi assim, em 1929, que começou a funcionar a escolinha noturna do irmão Olavo Pereira. Com o aumento da procura e o surgimento de novas necessidades, a escolinha foi transformada em 1943 na Escola Técnica de Comércio São Luís, com curso profissionalizante de contabilidade. Em 1988 a escola noturna foi integrada ao colégio.

Para dar continuidade à educação dos alunos que precisavam trabalhar durante o dia, o irmão Olavo criou a Faculdade de Economia São Luís – a segunda da cidade –, que foi reconhecida pelo governo em 1951. Na década de 1960 foram incluídos os cursos de Administração de Empresas e Ciências Contábeis. Em 1998 a faculdade tornou-se independente do colégio nas áreas administrativa e pedagógica, e em 2001 passou a denominar-se Faculdade São Luís. Fundada em 1948, a Faculdade São Luís comemora, em março de 2008, 60 anos.

Vista aérea do Colégio São Luís, 1988.



#### COLÉGIO ABRIGA FACULDADE MEDIANEIRA

Fazer do Colégio São Luís um grande centro de estudos superiores voltado a todas as congregações religiosas. Esse era o grande objetivo dos jesuítas quando decidiram transferir, no início da década de 1970, a Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira para as dependências do colégio. A faculdade foi fundada na década de 1950, em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, e 16 anos depois foi transferida para São Paulo, sendo instalada no km 26 da Via Anhanguera. Dentro do São Luís a Faculdade Medianeira atendia o aluno que trabalhava durante o dia e estudava à noite.

O padre Luciano Mendes de Almeida, depois dom Luciano Mendes de Almeida, dirigiu a faculdade de 1966 a 1973. Homem de grande visão, trabalhou para fazer da Medianeira um centro do pensamento intelectual na cidade.

Quando deixou a direção da faculdade, em 1973, os reitores do São Luís assumiram os cuidados com aquela faculdade.

Estudantes em sala de aula, 1958.





## PEDAGOGIA VOLTADA PARA A EDUCAÇÃO INTEGRAL

Um trabalho humanista, buscando o desenvolvimento de todos e preservando a individualidade de cada ser. Essas são algumas bases da pedagogia dos jesuítas, adotada também pelo Colégio São Luís, que marcou presença na história de São Paulo, tornando-se referência no ensino de qualidade graças ao seu trabalho pedagógico.

Vivemos um momento especial na história da humanidade. Vemos avanços tecnológicos e científicos, os quais nos projetam para o futuro, ao mesmo tempo em que convivemos com o crescimento da violência urbana que nos remete à barbárie, ao passado ainda não superado pelo homem. Passado e futuro juntos no presente, conflitando entre avanços e retrocessos.

A questão que surge inevitavelmente é: se o homem evoluiu tanto, por que ainda é dominado por instintos tão destrutivos e coloca em risco tudo o que construiu?

Uma constatação que talvez ajude a entender essa questão é o fato de que o ser humano, em muitas situações, perdeu-se de si mesmo. Na busca por tesouros que estavam ao seu redor, ele perdeu sua essência. A sociedade de consumo, a luta pelo poder, a ganância, a sede por conquistar cada vez mais bens materiais fizeram o homem trocar seus anseios interiores pelos apelos do exterior; o homem deixou de ser para ter. "Do que serve a um homem ganhar o mundo inteiro, se perder a si mesmo?"; nos ensinou Jesus.

Educar esse ser humano voltado para os outros, para o mundo e para Deus é a missão educativa da Companhia de Jesus, que desenvolve por meio da pedagogia inaciana a formação integral dos estudantes: a inteligência, a memória, a vontade, a afetividade e tudo que envolve o desenvolvimento pessoal e social do ser humano.

Esses princípios são também assumidos pelo Colégio São Luís, que aborda a pedagogia humanista da Companhia de Jesus, adaptando-os à realidade brasileira. Para garantir a aplicação desses princípios entre os colégios da Província Brasil Centro-Leste (São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro), foi criada, em 1996, a Associação dos Colégios

Os alunos que pretendemos formar são homens e mulheres para os demais, pessoas novas, abertas ao seu tempo e ao futuro, equilibradas e constantes, sensíveis a tudo o que é humano.

*Padre Pedro Arrupe*

Passado, presente e futuro fazem a história de um grande Colégio.

Jesuítas – ACOJE –, com o objetivo de dar unidade aos sete colégios dessa Província.

### PRINCÍPIOS INACIANOS

Uma pedagogia que sobrevive por tantos séculos e continua atual. Não são poucos os elementos que operam esse verdadeiro “milagre” e fazem com que os colégios que seguem esses princípios ganhem força e sabedoria com o passar do tempo: preservar a individualidade sem promover o individualismo; incentivar a liberdade pela descoberta do desconhecido com a certeza de um programa com resultados garantidos.

Um dos pontos importantes do trabalho inaciano é a sua preocupação em unir as ações escolares com os conceitos da família, para que ambas as fontes de educação não sejam conflitantes, mas complementares, formando homens e mulheres que irão transformar o meio em que vivem. Seres que tenham como inspiração os ideais de igualdade, justiça, bondade e fé. E que essa inspiração possa levá-los a atuar com fervor. Santo Inácio de Loyola ensinou: “O amor se mostra com fatos e não com palavras”. Os colégios jesuítas seguem esse preceito e procuram incentivar os estudantes a passar para a ação, aprendendo, ganhando uma nova visão de mundo e formando novos valores a partir desse aprendizado.

“A pedagogia, arte e ciência de ensinar, não pode ser reduzida a mera metodologia: ela inclui uma perspectiva do mundo e uma visão de pessoa humana ideal que se pretende formar”<sup>4</sup>.

Santo Inácio de Loyola acreditava na importância de um direcionamento para que a educação seguisse com bases firmes. Por isso, dedicou a Parte IV dos documentos nos quais explicitava os fundamentos da Companhia de Jesus, chamados de Constituições, ao tema, com diretrizes pedagógicas sobre os cursos e graus, métodos de ensino e aprendizagem, entre outros tópicos. No trabalho ele destacou também a importância dos bons costumes e formas de ação para ajudar

ao próximo, o método de acompanhamento dos alunos, a atenção dedicada aos estudantes e os exercícios escolares.

Uma das grandes forças dessa pedagogia é atuar respeitando as diferenças, tratando cada aluno de acordo com suas necessidades e particularidades, promovendo dessa forma um maior aproveitamento do estudante.

Essa educação personalizada é uma forma de unir a espiritualidade inaciana com a Pedagogia Inaciana aplicada em sala de aula, tendo o educando como sujeito da aprendizagem. O trabalho tem como base o princípio “*cura personalis*”, que destaca a atenção individual ao aluno como essencial na educação. A arte de ensinar nos colégios jesuítas consiste em promover o desenvolvimento intelectual de forma que cada um atinja sua máxima potencialidade para desenvolver os talentos recebidos de Deus. O importante é entender que esse desenvolvimento é totalmente individual e os professores são orientados para respeitar os limites e incentivar as qualidades. Para a realização

A arte de ensinar e aprender, nos idos de 1954.





A vontade de aprender  
nunca teve fronteiras  
para os estudantes do  
Colégio São Luís.

desse trabalho é muito importante conhecer cuidadosamente cada estudante. Somente conhecendo a fundo esses novos seres em formação o professor poderá exercer com excelência sua missão.

Com essa fundamentação, a Pedagogia Inaciana promove a formação integral do ser humano não somente voltada para o exterior, mas também para o interior, ou seja, faz com que o aluno reconheça em si o ser humano e veja-se refletido nos outros seres, tomando consciência de que somente se realiza plenamente quando busca não apenas o autoconhecimento, como também servir o outro, contribuindo para melhorar o mundo ao seu redor.

#### ESTUDO REÚNE REGRAS PRÁTICAS PARA ESCOLAS

Para conquistar qualidade e unicidade é preciso criar um padrão que determine as formas de atuação e regras de funcionamento. Com o objetivo de levar a todos os colégios jesuítas uma unidade na forma de atuação, foi elaborado, em 1599, um plano detalhado de estudos chamado *Ratio Studiorum*. O documento reunia regras práticas que tratavam não só da abordagem pedagógica, mas também da organização administrativa das escolas.

Apesar de ter sido desenvolvido quase meio século depois da morte do criador da Companhia de Jesus, o *Ratio* traz em sua essência a marca de Santo Inácio de Loyola. O plano foi adotado, até a supressão da Ordem, em todos os colégios jesuítas espalhados pelo mundo, norteados a educação nas instituições, com adaptações de acordo com a realidade de cada região.

Com o retorno da Companhia em 1814, procurou-se retomar o *Ratio Studiorum*, mas era então um outro momento, com novas necessidades que exigiam soluções inovadoras e uma reformulação pedagógica. Sem orientação centralizada, cada colégio trabalhou de acordo com sua realidade. Os jesuítas aproveitaram essa experiência para analisar os resultados das suas iniciativas e trocando idéias com seus companheiros de várias par-

Aula de ginástica, 1947.



#### MUDANÇAS PROMOVIDAS PELO CONCÍLIO VATICANO II

Em meados do século 20 o mundo passava por grandes transformações. Havia muitas novidades científicas, tecnologias modernas, novas formas de relacionamento e interação entre as pessoas e comunidades. A Igreja sentia que precisava se atualizar para acompanhar os sinais desses novos tempos. Por isso, o papa João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, que ocorreu de 1962 a 1965, resultando em 16 documentos detalhando as reformas eclesiais. Um deles tratava especificamente da educação.

Entre as reformas promovidas pelo Concílio, destaca-se o fim dos serviços religiosos em latim, o incentivo à participação dos leigos na liturgia e a aproximação com outros credos.

Com base nas determinações do Concílio Vaticano II, a Companhia de Jesus redefiniu alguns encaminhamentos a partir da 31ª Congregação Geral, de 1966, até a 34ª Congregação Geral, em 1995. Foi definida como missão dos jesuítas a defesa da fé e a promoção da justiça. A partir dessas modificações os colégios começaram a se renovar, também seguindo os novos rumos mundiais. Entre as principais mudanças destacam-se a ampliação do atendimento, abrindo para a educação infantil, e a ênfase na formação social dos alunos. As novidades logo chegaram ao Colégio São Luís, tendo como primeira grande mudança o ingresso de meninas na escola, a partir de 1972.

Reprodução da entrega das Constituições por Santo Inácio de Loyola ao Papa Paulo III, que resultou na aprovação da Companhia de Jesus.



tes do mundo. Dessa forma, puderam aprimorar a proposta educacional e comprovar a validade universal dos métodos pedagógicos da Ordem.

#### NOVOS DOCUMENTOS NORTEIAM O SISTEMA EDUCACIONAL

As mudanças ocorridas no século 20 e a necessidade de se preparar para o século 21 levaram a Companhia de Jesus a promover discussões e elaborar documentos para nortear os trabalhos de todas as escolas jesuítas, desde a educação infantil ao ensino médio e superior. Com esse objetivo, a Ordem promoveu, de 1965 a 1986, debates com esse novo direcionamento educacional. O resultado desses encontros, realizados desde a 31ª até a 34ª Congregação Geral da Ordem, foi promulgado em 1986 no documento *Características da Educação da Companhia de Jesus*.

O estudo reforça os princípios pedagógicos inacianos, destacando a importância da formação intelectual completa, envolvendo as áreas de humanas, ciências e artes. Um dos enfoques desse trabalho é o desenvolvimento cultural do estudante e o uso de novas tecnologias para inserir o aluno dentro do mundo tecnológico, garantindo-lhe experiência e incentivando o senso crítico quanto aos novos métodos e recursos.

Vale ressaltar que o documento *Características da Educação da Companhia de Jesus* apresenta princípios pedagógicos, enquanto o *Ratio Studiorum* está focado nos procedimentos.

Para facilitar a aplicação prática dos princípios e valores estipulados pelo documento *Características da Educação da Companhia de Jesus* foi publicado, em 1993, um novo documento, denominado *Pedagogia Inaciana – Uma Proposta Prática*. Na abordagem do método educacional, a pedagogia inaciana traz uma definição bastante característica do método jesuítico, com uma visão global e abrangente:

“A Pedagogia é o caminho pelo qual os professores acompanham o crescimento dos seus alunos. A Pedagogia, arte e ciência de ensinar, não pode ser reduzida a mera metodologia. Deve incluir uma perspec-

tiva do mundo e uma visão da pessoa humana ideal que se pretende formar. Isso indica o objetivo e fim para o qual se orientam os diversos aspectos duma tradição educativa. Também proporciona os critérios para a seleção dos recursos a serem usados no processo da educação. A visão do mundo e o ideal da educação da Companhia em nossos dias foram expostos nas *Características da Educação da Companhia de Jesus*. A *Pedagogia Inaciana* assume esta visão do mundo e avança mais um passo, sugerindo modos mais explícitos que permitam aos valores inacianos integrarem-se no processo de ensino-aprendizagem”<sup>5</sup>.

Dentro da Pedagogia Inaciana destaca-se o Paradigma Pedagógico, que apresenta diversos caminhos por onde os professores podem conduzir seus alunos, orientando-os para o amadurecimento e a descoberta do verdadeiro sentido da vida.

O Paradigma Pedagógico Inaciano oferece importantes respostas para os atuais problemas educacionais, unindo teoria e prática, reflexão e ação, transformando a postura do professor e do aluno, superando o formato tradicional da simples transferência de conhecimento, garantindo uma maneira eficaz de ensinar e aprender. Ele é dinamizado por cinco momentos: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação.

Contexto – o educador procura conhecer, na medida do possível, a vida do aluno, seu ambiente pessoal, seu histórico familiar, enfim, todo o contexto em que será desenvolvido o processo de ensino-aprendizagem. Essas informações formarão a base para que se compreenda o aluno de uma forma mais abrangente e, assim, possa atender suas necessidades e maximizar sua educação. Além disso, a contextualização do que será estudado é fator determinante para o conhecimento e é essencial para ocorrer a aprendizagem. Os alunos percebem o significado do que aprendem na medida em que o relacionam com sua própria vida.

Experiência – o professor estimula o aluno no processo de aprendizagem das matérias, ensinando-o a aprender com base nas próprias experiências. Há a ampliação da percepção e do pensamento, e o aluno



Aulas unem teoria à prática desde a mais tenra idade.

Estudantes seguem os caminhos da educação, em 1958.





A capela do Colégio São Luís é um dos templos da fé jesuítica.

cria estruturas para aprender, desenvolvendo outras habilidades de compreensão, aplicação, análise e síntese.

Reflexão – o orientador guia o aluno para ir além do conteúdo ensinado, pensando sobre o tema, analisando diferentes ângulos, buscando dentro de si novos caminhos. Essa reflexão leva os estudantes a encontrar o **sentido humano** do que estudam e a incorporar esses significados para seu amadurecimento.

Ação – esta é a meta do processo educacional, pois o aluno será estimulado a passar do conhecimento à ação. É por meio dos atos que os alunos fazem suas opções pessoais, levando em conta o que interiorizaram durante os dois passos anteriores do processo. Na ação, o aluno realiza o fim último da educação jesuítica: educar homens e mulheres para os demais.

Avaliação – trata-se de uma análise do trajeto percorrido e do progresso alcançado pelo aluno, a fim de saber se os objetivos educacionais estão sendo atingidos. Por meio de avaliações constantes, o professor tem condições de definir quais serão os próximos passos nessa caminhada rumo à formação de pessoas, os quais vão além do conhecimento da matéria, encontrando o humano dentro de cada aluno, para que ele possa se desenvolver como “pessoa para os outros”. A prática constante da avaliação estimula no aluno o exercício da auto-avaliação, necessária para o seu crescimento e aperfeiçoamento pessoal.

Esses princípios reforçam a base do processo educacional inaciano, que tem com centro a pessoa. Outro ponto bastante evidente nos documentos *Características da Educação da Companhia de Jesus e Pedagogia Inaciana – Uma Proposta Prática* é a concepção de que todo o trabalho pedagógico do indivíduo nas escolas jesuíticas é voltado para a ação, que é inspirada pelo Espírito e pela presença de Jesus Cristo.

#### PROJETO PROPORCIONA ATUALIZAÇÃO DO TRABALHO

Para adaptar os princípios da Companhia de Jesus para a realidade da Província Brasil Centro-Leste da Companhia de Jesus, foi criado o Projeto

educativo dessa Província, sob a coordenação da ACOJE. O sistema educacional brasileiro passava por grandes mudanças. A ACOJE foi instituída no mesmo ano da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB, que trouxe significativas alterações ao ensino brasileiro. Esse projeto educativo nasceu para que os colégios jesuítas dessa Província pudessem acompanhar os novos tempos sem perder a base de sua missão, de formar pessoas integralmente, em todos os níveis, a partir da excelência acadêmica. Formar, como previa o padre Pedro Arrupe, “homens e mulheres para os outros”, sem egoísmo, com solidariedade, pessoas com capacidade, competência e consciência para perceber além da realidade imediata, analisando e tirando as próprias conclusões baseadas em conceitos sólidos. Preparar não apenas trabalhadores, mas líderes que poderão fazer um mundo melhor, enfrentando desafios e lutando por esse sonho que é, na realidade, a missão que norteia a história da Companhia de Jesus.

Crianças do Ensino Infantil, 2003.



Como bem relatou o atual superior da Ordem, desde 1983, o padre Peter-Hans Kolvenbach: “O aluno formado em um colégio jesuíta é uma pessoa equilibrada, intelectualmente competente, aberta ao progresso, religiosa, amável e comprometida com a justiça no serviço generoso do povo de Deus.”

### COLÉGIO SÃO LUÍS

Esse sonho, partilhado por colégios jesuítas de todo o mundo, é abraçado pelo Colégio São Luís com a dedicação de todos os seus colaboradores. A escola educa seus alunos a partir dos valores cristãos, oferecendo a eles uma formação acadêmica e humana que lhes permita desenvolver suas dimensões cognitiva, afetiva, social e espiritual, preparando-os para a vida e para o serviço aos demais. O Colégio São Luís oferta, portanto, aos seus alunos uma educação humanista integral, capaz de responder aos desafios e problemas colocados pelo mundo moderno.

Uma preocupação constante da escola é integrar os pais nesse processo educativo, garantindo que os valores praticados na escola não entrem em choque com a abordagem familiar, promovendo uma integração que facilita o crescimento individual de cada estudante e também de toda a família.

Esses princípios tornam o Colégio São Luís uma verdadeira referência da educação paulista, realizando seu trabalho com uma metodologia centrada na formação do ser, privilegiando o entendimento e estimulando os alunos à reflexão do conhecimento, para que se desenvolvam como pessoas, com critérios e princípios baseados no olhar cristão. A escola atua preparando seus estudantes para se adaptar e viver nas mais diversas condições e situações sociais, sem perder de vista o foco do amor a tudo e a todos, para que possam colaborar com o grande sonho de Nóbrega de criar um mundo novo, justo e fraterno.



## EDUCANDO TODAS AS DIMENSÕES DA PESSOA

Educar vai além de ensinar aos alunos o conteúdo básico. Educar é promover o crescimento integral dos estudantes, envolvendo corpo e mente. O Colégio São Luís trabalha com essa base, desenvolvendo conhecimentos artísticos, culturais e esportivos com seus alunos, além de prepará-los para a realidade social que os cerca, ajudando a promover o senso de solidariedade e compaixão.

No longínquo século 16, um homem usava seus poucos recursos para ensinar os índios a ler, escrever e aprender sobre o amor a Deus e ao próximo. Suas principais ferramentas eram a fé e a imaginação. E foi fazendo uso delas que o padre José de Anchieta transmitiu aos indígenas ensinamentos religiosos, culturais e científicos.

Tendo como cenário as praias e florestas nativas nos primeiros anos do Brasil, Anchieta compôs e representou os primeiros autos encenados no País. Era o início de um método que atravessaria os séculos, proporcionando, por meio da cultura, a disseminação dos

valores e o desenvolvimento das habilidades consideradas essenciais pelos jesuítas.

Mais do que uma disciplina complementar, a cultura, em todas as suas variações, seja teatral, musical ou literária, faz parte do currículo escolar das escolas jesuítas e tem papel de destaque no trabalho das disciplinas, bem como nas festas e comemorações.

O esporte é outra forma de manifestação que os jesuítas utilizam para ensinar a seus alunos noções importantes como trabalho em equipe e competição sadia, promovendo o desenvolvimento do corpo e a ocupação da mente.

Outro direcionamento da Companhia de Jesus para uma boa base educacional e a formação dos homens e mulheres para servir ao outro no mundo é realizado no São Luís por meio de um forte trabalho de conscientização e responsabilidade social. As iniciativas permitem que os alunos tenham contato com as várias dimensões da sociedade e com isso aprendam a interagir e a ajudar na promoção do bem-estar social.

Se o ser humano é o caminho para Deus, para Inácio de Loyola o ponto de encontro do ser humano com Deus está no mundo...

O encontro do ser humano com Deus se dá no campo da cultura. Fé e cultura estão estreitamente relacionadas.

Padre Peter-Hans Kolvenbach, SJ  
Geral

Cultura, arte e esportes sempre fizeram parte do dia-a-dia dos alunos do Colégio São Luís.

Todas essas diferentes formas de educar auxiliam no trabalho do colégio, que segue a base do ensino das escolas jesuítas visando à formação do ser integral.

### EDUCAÇÃO NO SÃO LUÍS

O Colégio São Luís prima pelo ensino de qualidade. Mas esse não é um conceito que se resume a deixar os professores ensinarem as lições que os alunos terão de memorizar para fazer uma boa avaliação. Educação de qualidade envolve valores próprios, bastante difundidos nas escolas jesuítas, que consideram a formação do ser como um todo.

O foco educacional é voltado ao indivíduo, a atenção dirigida para cada estudante, trabalhando a individualidade sem promover o individualismo. Nos colégios jesuítas cada aluno não é um número, mas um ser completo e respeitado como tal por todos, professores, orientadores, que conhecem cada estudante, acompanham sua rotina e estão presentes para que o aluno sinta que encontrou a fonte onde poderá buscar o tão almejado conhecimento, tirando dúvidas, buscando informações. Há um respeito muito grande pelo ritmo individual e pelas diferenças, fator fundamental para o caminhar adequado do processo educacional.

Esse trabalho com enfoque personalizado exige uma outra qualidade, também bastante valorizada pelo colégio: a excelência acadêmica. Somente professores bem preparados são capazes de observar atentamente cada aluno e ter condições de atender às necessidades individuais. Eles atuam como verdadeiros mestres, guiando os estudantes de acordo com seu desempenho, respeitando as limitações, incentivando as qualidades, potencializando os dons para que cada um consiga realizar seu sonho e adquirir o conhecimento necessário para realizar seu propósito de vida.

É uma educação orientada para os valores cristãos, que busca unir cultura e fé, incentivando o conhecimento, o autoconhecimento e a

aceitação do outro. O Colégio São Luís, com sua formação humana e cristã, ensina aos alunos a importância da preocupação com os outros, principalmente com os menos afortunados. Assim, os alunos têm não somente os ensinamentos curriculares, mas também o aprendizado necessário para crescer como seres humanos, passando a atuar em sua comunidade ajudando, preservando, criando, como fez o Mestre Jesus.

### CULTURA A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO

A arte faz parte do currículo do Colégio São Luís desde os primeiros tempos. Já na primeira festa de final de ano, em 1867, em Itu, houve uma encenação de cenas sacras seguida de apresentação musical. Essa experiência tem se repetido ao longo desses 140 anos, colocando a cultura em lugar de destaque nas atividades da escola. Uma das modalidades mais empregadas, o teatro, esteve sempre presente com representações das mais variadas formas, desde textos baseados nas Sagradas Escrituras e clássicos da Antiguidade até abordagens mais atuais,

Um drama representado no Colégio São Luís, Itu, 1903.

A arte é uma ferramenta valiosa para estimular a criatividade.





● RELIGIONI ET BONIS ARTIBVS ●

com peças levantando questões sociais. Os formatos também são bastante variados, usando de simples diálogos a textos mais complexos.

Além do enriquecimento cultural, o trabalho teatral proporciona diversos benefícios aos estudantes, fortalecendo a memória, melhorando a postura, garantido mais autoconfiança e preparando os jovens para falar em público. Atende também aos objetivos da Companhia de realizar a formação moral, cívica e religiosa da juventude.

A atuação do colégio na área teatral ficou ainda mais forte depois de 1972, quando foi instituída a disciplina optativa de arte dramática pela nova Lei de Ensino (nº 5692/71). Nessa época foi criado o Grupo Estudantil de Teatro Amador – Geta, que em três meses já estava fazendo apresentações. O grupo nasceu do desejo de formar alunos ativos e conscientes de si mesmos e de suas relações com as outras pessoas e com o mundo ao seu redor.

A melhor comprovação do sucesso do empreendimento teatral na educação vem como retorno dos próprios alunos, que na década de 1980 formaram vários grupos, escolhendo textos que passavam mensagens dentro do contexto de formação social e humana, proposto como missão da Ordem.

Arte de todos os tipos e cultura para todos os gostos é o que oferece e sempre ofereceu o ensino jesuíta. Para despertar o amor pelas letras e pela oratória foi fundada, em 1882, a Arcádia Gregoriana, sociedade literária criada sob a proteção de São Gregório Nazianzeno. Com uma biblioteca repleta de clássicos, permitia aos jovens intensos mergulhos pelo mundo mágico da literatura.

Importante representante das atividades culturais, a música também está presente nos trabalhos do colégio. Em 1943 foi fundada a Orquestra São Luís, que realizou importantes apresentações, tendo em seu currículo uma passagem pelo Teatro Municipal de São Paulo.

Reunindo todas essas manifestações, em 2001, a ACOJE promoveu a 1ª Bienal de Arte dos Colégios Jesuítas, reunindo trabalhos produzidos

pelos alunos da Província Brasil Centro-Leste, envolvendo estudantes de diversas unidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais em uma grande festa cultural.

Nos seus 140 anos de história o Colégio São Luís sempre realizou festivais de música, teatro, dança, poesia, semanas culturais etc. Esses eventos favorecem a interação entre os alunos e o desenvolvimento da expressão e da criatividade. Nos cursos de teatro, música, dança e coral, o colégio possibilita que seus estudantes se desenvolvam social e intelectualmente, comprovando que a expressão artística é uma manifestação divina e a fé e a cultura são realmente bastante interligadas, como defendeu o padre Kolvenbach.

A filosofia também sempre esteve presente no trajeto da escola, estimulando o amor pela sabedoria, incentivando a capacidade de pensar e argumentar, compartilhando com a religião a busca da verdade original e incondicional sobre a vida, o universo e Deus.

#### CORPO EM MOVIMENTO NO ESPORTE

O esporte começou a fazer parte do Colégio São Luís ainda em Itu, como uma forma pedagógica de vivenciar em grupo os valores aprendidos em aula. Era um modo de exercitar corpo e mente por uma vida mais saudável, fortalecendo os moços, preparando-os para serem fortes também na vida.

Pioneiro e inovador, o colégio sempre teve destaque no cenário paulista pela introdução de novas práticas esportivas. Alguns estudiosos acreditam que, antes mesmo de Charles Müller trazer o futebol para o Brasil, o padre José Mantero, reitor do São Luís no período de 1877 a 1893, teria introduzido essa prática na escola<sup>6</sup>.

De 1879 a 1881 os jesuítas visitaram importantes colégios da Europa onde o futebol já era praticado. De volta ao Brasil, trouxeram essa e outras novidades esportivas, que foram incorporadas às atividades da escola, como exercícios militares, jogo de malha, ginástica alemã, cor-

Promover trabalhos artísticos e culturais é uma preocupação constante dos educadores do Colégio São Luís.



rida com obstáculos, salto em altura e distância, lançamento de disco e dardo e barra francesa.

Com as duas bolas trazidas da Europa, o padre Mantero começou a ensinar os garotos primeiro a bater a bola na parede; depois, dividiu a turma em dois times para que levassem a bola até o outro lado do pátio e acertassem pequenas marcas feitas nas paredes opostas.

Em 1894, o reitor Luís Yabar introduziu as regras do jogo, deixando-o mais parecido com o futebol que hoje conhecemos, com prática mais organizada e freqüente.

Ex-alunos do São Luís contribuíram para divulgar posteriormente o esporte por vários locais do Estado de São Paulo e do Brasil. O colégio também marcou a história do jogo com seu famoso time de futebol de várzea, que era respeitado e teve importante destaque na década de 40.

Campeonatos, torneios, disputas saudáveis, que incentivavam não só a competição mas principalmente o espírito de equipe, marcaram a história esportiva da escola. Natação, futebol, vôlei, handebol, futsal, ginástica, basquete etc., muitas são as atividades esportivas que o co-

As atividades esportivas são fundamentais no processo de desenvolvimento dos alunos.



### ALUNOS SE DESTACAM EM TORNEIOS ESPORTIVOS

As conquistas dos alunos em importantes torneios demonstram a força do São Luís no cenário esportivo estudantil. Um dos esportes em que os alunos têm conquistado destaque, o tênis, trouxe em 2007 vários títulos aos estudantes. No ano anterior, os alunos também marcaram presença em campeonatos, conseguindo muitos prêmios para o Colégio, em categorias como handebol infantil feminino, futsal mini masculino, basquete infantil feminino, entre outras. Criados em 1990, os Jogos Interamizades nasceram com o objetivo de possibilitar aos alunos a vivência de um aprendizado esportivo em um clima de cordialidade e transformaram-se em uma grande festa de confraternização entre as unidades participantes. O evento ganhou nova força em 2003, quando foi criado o Interamizade Noturno, uma versão adaptada à realidade dos alunos que estudam neste período.

Tradicional no colégio, os Jogos Interamizades chegam à sua 17ª edição cumprindo seus objetivos: proporcionar o espírito de equipe, conscientizar seus participantes a fazer um jogo sem violência e com justiça, além de permitir que os estudantes desenvolvam a sociabilidade e aprendam a respeitar as diferenças. Há quase duas décadas os Jogos Interamizades têm reunido no Colégio São Luís mais de mil atletas de diferentes colégios em sete dias de disputas de basquete, futsal, handebol e voleibol.

Os resultados e conquistas dos alunos do Colégio São Luís têm se repetido ao longo de anos e décadas, comprovando que dar um lugar de destaque ao esporte no trabalho educacional, independentemente do resultado da competição, garante sempre grandes conquistas para todos.

légio tem desenvolvido, utilizando o espaço físico para promover essa interação, visando aproveitar cada momento para realizar a arte de ensinar.

### RESPONSABILIDADE SOCIAL

Como saber a realidade do outro sem ter a oportunidade de entrar em contato com ela? Como auxiliar os mais necessitados sem conhecer suas reais necessidades? Fazer a ponte de ligação entre tantos mundos tão diferentes é uma preocupação do São Luís, que promove a interação dos seus alunos com comunidades carentes.

Em 1979, com a criação do Programa de Formação Social, os estudantes passaram a visitar essas comunidades para conhecer e atuar de alguma forma. Em 1981 foi criado o Projeto Anchieta, em que alunos da rede oficial de ensino recebiam bolsas de estudo e eram monitorados para acompanhar o ritmo da classe.

Organizado em 1984, dois grupos de voluntários realizavam importantes ações sociais: um grupo passava algumas horas por semana oferecendo reforço escolar a crianças do Jardim Esther, na zona Oeste; outro grupo levava bons momentos de alegria aos idosos do Asilo Pedro II, no Jaçanã, zona Norte.

Essas iniciativas fazem parte da formação social proposta pela Companhia de Jesus e promovem o conhecimento e a integração com o outro. A preocupação social, aliada à prática de iniciativas, levou o colégio a receber nas duas primeiras edições, em 2003 e 2005, o selo Escola Solidária, concedido pelo Faça Parte – Instituto Brasil Voluntário. Um selo que reconheceu o trabalho de cada aluno, dos representantes da instituição e do norteamento dado aos colégios jesuítas, segundo o qual solidariedade começa no banco escolar.

Cultura, arte, esporte, responsabilidade social. Todos esses aspectos sempre fizeram do Colégio São Luís uma referência no sistema de ensino de São Paulo e de toda a América Latina.



Os trabalhos em comunidades carentes ampliam a compreensão da realidade.

### O SELO DA SOLIDARIEDADE

Solidariedade pode e deve começar desde cedo, ainda nos bancos da escola. Esse é um trabalho que deve ser incentivado pela família, pelo colégio, pelos professores. Destacar iniciativas de trabalho voluntário realizadas pelos alunos e incentivadas pelas escolas é o principal objetivo do Selo Escola Solidária, conferido pelo Instituto Faça Parte – fundado em 2001 com a missão de promover a cultura do voluntariado entre os jovens – a escolas públicas e particulares, de educação básica e técnica, de todo o País.

O selo visa fortalecer a escola como núcleo de cidadania dentro da comunidade, promover a troca de experiências entre as escolas que realizam ações desse tipo, incentivar a prática do voluntariado educativo e destacar o projeto social dos colégios.

Para conferir o selo, o instituto realiza uma avaliação da escola, analisando os projetos e ações de voluntariado. O trabalho envolve ainda divulgar as ações e estimular a realização de mais projetos, com material educativo, como manuais e vídeos sobre o tema.

Na primeira edição do selo, realizada em 2003, foram certificadas 8.766 instituições. Esse número aumentou na segunda edição, em 2005, passando para 12.873 escolas.

Fazer o bem faz bem.





## CERTEZA DE FUTURO

Superando as dificuldades do final do século 20, o Colégio São Luís chegou ao Terceiro Milênio crescendo e ampliando seus horizontes. Nas comemorações dos 140 anos, além dos eventos, a escola projeta os sonhos para um futuro repleto de realizações.

Aceitar o agora, sem se preocupar ou sentir-se culpado pelo passado. “Faça-se Tua vontade.” Assim o poeta, escritor e jornalista jesuíta Pedro Miguel Lamet analisa a frase do padre Pedro Arrupe: “Para o presente, Amém.” E complementa, explicando o que a Companhia de Jesus espera do futuro: “Aleluia quer dizer: sou otimista acerca do futuro porque estou nas mãos de Deus, meu Pai me cuida, creio em Cristo ressuscitado.”

Foi essa fé no futuro que fez com que a Companhia passasse por momentos tão difíceis como os que enfrentou na supressão decretada pelo Vaticano no século 18, mas sobrevivesse e voltasse ainda mais forte, renovada.

Falando de um tempo mais recente, no Brasil, graças a essa força os colégios jesuítas, após passarem por fases conturbadas, conseguiram renascer na chegada do novo século.

Para o presente, Amém;  
para o futuro, Aleluia!

*Padre Pedro Arrupe*

## FIM DE SÉCULO CONTURBADO

As escolas particulares brasileiras sofreram no final da década de 1980 com os planos e pacotes econômicos que congelaram as mensalidades, deixando-as defasadas frente à alta inflação, quase inviabilizando a sobrevivência dos colégios. As instituições, como o Colégio São Luís, padeceram com difíceis negociações de salários com professores e funcionários. Todo esse contexto fez da década de 1990 um período difícil. Além dos problemas econômicos dessa fase, o colégio enfrentou outras dificuldades que provocaram a diminuição do número de alunos: a mudança do perfil da região, que deixou de ser residencial para se transformar em área comercial e de serviços; a intensificação do trânsito no local, dificultando o acesso ao colégio; e o achatamento econômico da classe média, entre outros fatores. Essa fase foi marcada também por transformações internas, com reformas administrativas e pedagógicas.

Chegando ao final do século, era hora de renovar e o redirecionamento do colégio para o equilíbrio econômico proporcionou a retomada do crescimento.

Cuidar dos talentos humanos  
sempre foi a marca registrada do  
Colégio São Luís.

## COLÉGIO RENASCE COM CHEGADA DO SÉCULO 21

A chegada do século 21 trouxe ao São Luís uma nova fase de crescimento. Mais uma vez a instituição sobreviveu à crise, saindo mais forte e renovada. Vários fatores possibilitaram essa retomada. Entre os primeiros passos rumo ao novo horizonte destaca-se a criação em 2000 do lema que daria as diretrizes para o novo milênio: ensino forte + formação humana = certeza de futuro.

Em 2001, foi adotada a proposta de promover uma maior aproximação com as famílias para a realização de um programa em conjunto. Outro ponto que teve especial atenção foi o cuidado com a imagem do colégio e a realização de um trabalho de marketing. A volta do crescimento levou à ampliação das atividades e em 2003 o colégio implantou duas novidades: o maternal e o período integral.

A implantação do maternal abriu as portas do São Luís para crianças a partir de um ano e meio de idade. A iniciativa dava continuidade ao projeto do colégio de preparar o aluno desde a mais tenra idade para que, desde pequeno, receba o conhecimento que será a base de sua vida futura. Esse trabalho é feito de forma lúdica, com brincadeiras educativas que contribuem para o desenvolvimento físico, psicológico, afetivo, cognitivo, espiritual e social dos alunos.

O período integral foi implantado para atender a uma necessidade crescente dos pais, confirmada em pesquisas realizadas em 2002, de ter um lugar onde os filhos fiquem em confiança realizando ações produtivas enquanto eles trabalham. O acerto da iniciativa comprova-se com o crescimento do número de alunos que fazem essa opção: começou com 22 em 2003, dobrando para 44 no ano seguinte, chegando a 70 em 2005, 96 em 2006 e atingindo 136 alunos neste ano de comemoração dos 140 anos da escola.

Para atender à demanda e garantir uma boa infra-estrutura foram feitas adequações no restaurante, na lanchonete e o segundo andar do prédio da Rua Bela Cintra foi totalmente dedicado aos alunos do integral.



As atividades lúdicas fazem parte do processo de desenvolvimentos dos alunos do Colégio São Luís.



Além de aproveitar toda a estrutura do colégio, o curso integral oferece hoje aos pais a tranqüilidade de deixar os filhos em um ambiente confiável, de excelência educacional e com profissionais de grande competência.

#### FESTEJANDO 140 ANOS

Essas iniciativas promoveram um equilíbrio econômico e, em 2007, o colégio ganhou mais de 200 alunos. Com essa boa nova, o São Luís realizou as festividades em comemoração aos 140 anos da escola. As comemorações começaram no início do ano letivo, em 24 de janeiro, com a abertura da exposição “Colégio São Luís 140 anos”, que pôde ser conferida até o final do mês de fevereiro. A mostra reuniu no Pátio do Colégio painéis com cerca de 40 imagens do acervo da escola sobre a evolução da cidade e do São Luís nesses 140 anos, incluindo as casas dos barões do café, bondes cruzando a Avenida Paulista, o Teatro Municipal na década de 1940 e outras imagens que resgatam a história do colégio e da capital paulistana.

“Um olhar sobre a geometria da cidade” foi o tema da exposição instalada no início do ano no Shopping Center 3, na Avenida Paulista, e na galeria da escola no mês de fevereiro. A mostra retratou a arquitetura paulistana por meio de um ensaio fotográfico. O trabalho, realizado por 160 alunos do primeiro ano do ensino médio noturno, foi utilizado como ferramenta pedagógica para aprimorar os conteúdos de matemática e geometria.

Graças a uma parceria com o programa Ação Cultural do Metrô, as exposições puderam excursionar por algumas estações durante o ano, ficando na Sé e na República, em março, e nas estações Trianon-MASP e Ana Rosa, em julho. Por terem um caráter itinerante, também passaram pelas galerias do Conjunto Nacional, em junho e agosto, e por outros pontos da capital paulista, bem como pela cidade de Itu, nos meses de setembro e outubro.

Para complementar as festividades, uma grande festa realizada no dia 12 de maio reuniu mais de 6 mil pessoas, entre educadores, alunos, familiares, ex-alunos e membros da comunidade que participaram dos diversos eventos realizados ao longo do dia, como shows, missas e apresentações. Todos compartilharam da alegria do colégio e comemoraram com o bolo de 140 quilos de aniversário, oferecido pela Associação de Pais e Mestres – APM do Colégio.

A criatividade também se fez presente nas comemorações do Colégio São Luís, que abrigou, de 15 a 18 de agosto, a 4ª Bienal de Arte dos Colégios Jesuítas, com o tema “Arte: Retratos da Vida”. Coordenada pelo Centro Pedagógico Pedro Arrupe (CPPA), contou com trabalhos de artes visuais, teatro, dança e música, promovendo uma reflexão sobre o papel do olhar artístico para a renovação do cotidiano. O evento reuniu educadores dos colégios jesuítas da região - Colégio Anchieta (Nova Friburgo/RJ), Colégio dos Jesuítas (Juiz de Fora/MG), Colégio Loyola (Belo Horizonte/MG), Colégio Santo Inácio (Rio de Janeiro/RJ), Colégio São Francisco Xavier (São Paulo/SP), Colégio São Luís (São Paulo/SP) e Escola Técnica de Eletrônica - ETE (Santa Rita do Sapucaí/MG).

Os 140 anos do Colégio São Luís foram comemorados ao longo de todo o ano de 2007 com diversos eventos. As fotos registram alguns momentos da festa realizada no dia 12 de maio, com direito a missa, shows e um bolo comemorativo de 140 quilos. Outras ações de destaque foram a exposição “Colégio São Luís 140 anos” e a Quarta Bienal de Arte dos colégios jesuítas.



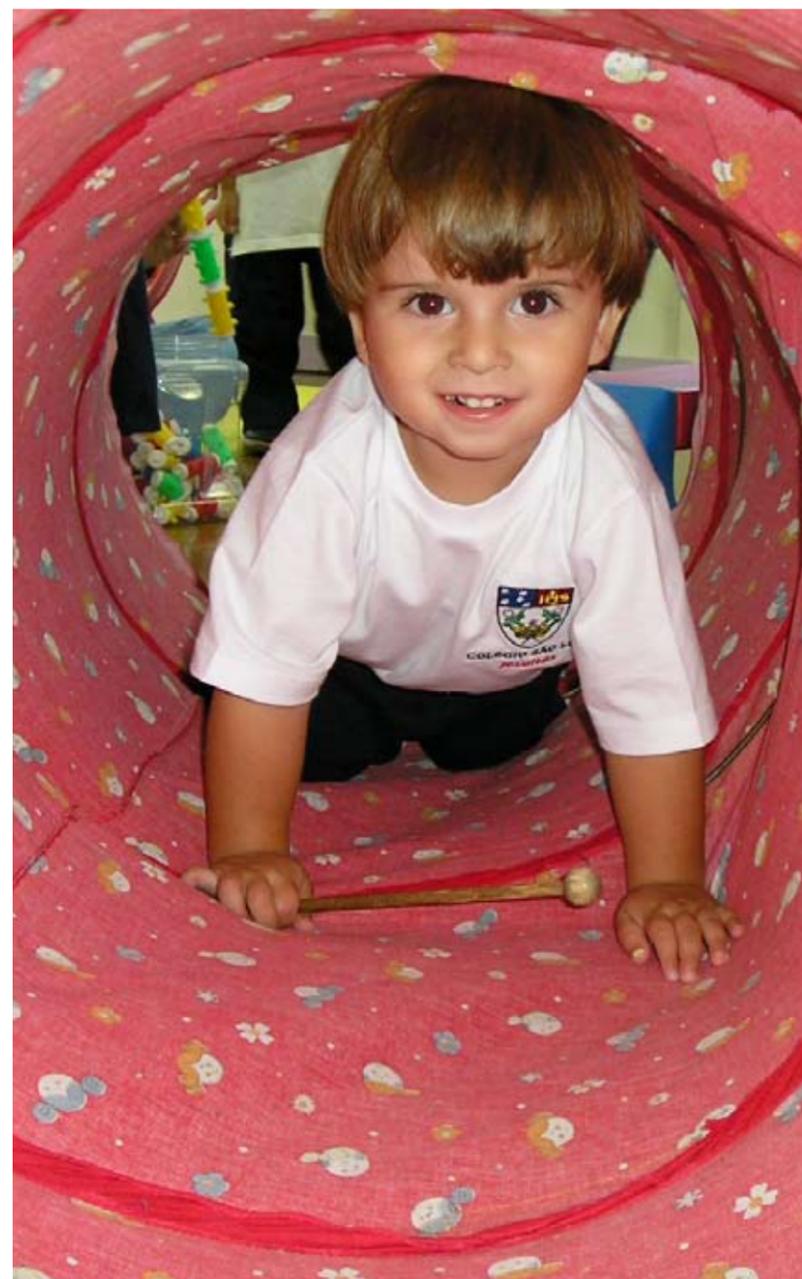
## OLHAR PARA O FUTURO

O colégio chega aos 140 anos com as lições aprendidas no passado e se preparando para os anos vindouros. Padre Mieczyslaw Smyda, atual reitor do Colégio São Luís, aponta a estratégia que vem sendo utilizada para aproveitar o vento a favor: “Nós não sabemos tudo. Sabemos onde queremos chegar, qual é o nosso projeto e não desistimos dele. O que nos sustenta é a proposta da excelência acadêmica e ela não pode ser exclusivamente cognitiva, mas sim afetiva, espiritual e humana”.

Essa é a base e a missão do colégio, que leva o São Luís adiante, sobrevivendo a todas as tempestades e tormentas. Sua estrutura é baseada na força e na fé daqueles que lutaram e lutam para sua manutenção e crescimento, como o Padre Aquino, personagem que marcou a história do Colégio.

Formado no Colégio São Luís em 1939, ele entrou no ano seguinte para o noviciado em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, onde permaneceu por sete anos. Aos 24 anos, ingressou como professor no Colégio Santo Inácio, no Rio de Janeiro; estudou teologia na Europa, onde viveu de 1947 a 1961. Nesse período foi ordenado, trabalhou como monitor de seminaristas brasileiros e atuou na Universidade Gregoriana. De volta ao Brasil, foi professor e orientador na PUC do Rio de Janeiro durante um semestre, seguindo então para São Paulo, onde exerceu, entre outras atividades, a função de Superior Provincial dos Jesuítas na Província do Brasil Central, tendo importante atuação na fixação do Colégio São Luís na Avenida Paulista. Em dezembro de 1972, 33 anos após ter se formado, voltou ao São Luís para assumir a direção do Colégio e da Faculdade, partilhando com a escola a sabedoria adquirida com sua experiência. Em 15 de maio de 1991 faleceu esse homem que sempre lutou pela preservação do ensino jesuítico, deixando importantes ensinamentos e boas lembranças.

Foi com essa mesma força que a Companhia de Jesus atravessou os séculos, partilhando com o mundo sua vocação de ensinar. É com essa magnitude que caminha o Colégio São Luís, valorizando o educador, ampliando os horizontes e promovendo ensino com excelência de qualidade. Esse é o trabalho feito para perpetuar o sonho de Santo Inácio de Loyola, de Nóbrega, Anchieta e tantos outros jesuítas que abraçaram o mesmo desafio de deixar como legado para as novas gerações a estrutura e o conhecimento necessários para fazer, no futuro, um mundo melhor.



A semente do futuro é cultivada no dia-a-dia.

## BIBLIOGRAFIA

### Livros

- ACOJE. *Projeto Educativo da Província do Brasil Centro Leste da Companhia de Jesus*. São Paulo: Loyola, 3ª ed., 1999.
- AQUINO, Antonio, Padre. *Tudo começa e acaba na esperança*. São Paulo: Loyola, 1991.
- ARANHA, Maria Lucia de. *História da educação*. São Paulo: Moderna, 1989.
- BANGERT, Willian V. *História da Companhia de Jesus*. São Paulo: Loyola, séc. 19.
- BRUNO, Ernani Silva. *Historia e tradições da cidade de São Paulo: metrópole do café: 1872-1918; São Paulo de agora: 1918-1953*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 3ª ed., 1954.
- CAMARGO, José Francisco de. *Crescimento da População no Estado de São Pulo e seus aspectos econômicos*. São Paulo: Conjuntura Econômica, ano VI, nº 4, abril de 1952.
- Características da educação da Companhia de Jesus*. São Paulo: Loyola, 3ª ed., 1986.
- DALMASES, Candido de. *Inácio de Loyola: fundador da Companhia de Jesus*. Porto: Apostolado da Imprensa; São Paulo: Loyola, séc. 19.
- FRANCA, Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas: o "Ratio Studiorum"*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 11ª ed., 2003.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 19ª ed., 1987.
- KLEIN, Luiz Fernando. *Atualidade da pedagogia jesuítica*. São Paulo: Loyola, 1997.
- KLEIN, Luiz Fernando. *Educação personalizada: desafios e perspectivas*. São Paulo: Loyola, 1997.
- MAGALDI, Sábado. *Panorama do teatro brasileiro*. São Paulo: Global, 3ª ed., 1997.
- MAIA, Pedro Américo. *Crônica dos jesuítas do Brasil centro-leste: entre o sonho e a utopia 1841 – 1991*. São Paulo: Loyola, 1991.
- Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*. São Paulo: Loyola, 1993.
- RAMAL, Andréa Cecília. *A LDB e o processo de renovação pedagógica jesuíta*. Salvador: Revista de Educação CEAP, ano 5, nº 17, p.65 – 78.27, junho de 1997.
- SANTOS NETO, José Moraes do. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.
- SILVA NETTO, Euclides B. *Várzea Futebol dos Sonhos*. São Paulo: Scortecci, 2002.
- TAUNAY, Affonso de E. *Velho São Paulo: Colégio, Sé, Paço*. São Paulo: Edições Melhoramentos, vol. I, 1954.

### Sites

[www.prefeitura.sp.gov](http://www.prefeitura.sp.gov)  
[www.prodam.sp.gov.br/dph/historia/](http://www.prodam.sp.gov.br/dph/historia/)  
[www.sptrans.com.br](http://www.sptrans.com.br)  
[www.metro.sp.gov.br](http://www.metro.sp.gov.br)  
<http://www.fei.edu.br/QSppl.htm>  
[www.pedroarrupe.com.br](http://www.pedroarrupe.com.br)  
[www.jesuitas.com.br](http://www.jesuitas.com.br)

### Outras fontes

Anuários Colégio São Luís.  
 Breve Histórico do Colégio São Luís – Pe. Pedreira de Castro.  
 Breve Notícia Histórica do Colégio São Luís – Tristão Mariano da Costa.  
 Diários Colégio São Luís.  
 Revista São Luís.

### Créditos das imagens

Acervo do Colégio São Luís

### Deponentes

Cláudio J. S Penteado  
 Jairo Cardoso  
 José Antonio Camilo (Seu Duque)  
 José Garcez Ghirardi  
 Luis Antonio Fleury Guedes  
 Luiz Antonio Bersch  
 Pe. César Augusto dos Santos  
 Pe. Manoel Madruga Sarmaniego  
 Pe. Mieczyslaw Smyda  
 Renato Wilson Franciozi  
 Reynaldo Canevari  
 Tadeu Silvestre

### NOTAS

- (1) Informação obtida no site <[www.pedroarrupe.com.br](http://www.pedroarrupe.com.br)>.
- (2) Informação obtida no site <[www.catolicismo.com.br](http://www.catolicismo.com.br)>.
- (3) Dados fornecidos durante a apresentação de Thomas E. Roach, SJ no Encontro de Reitores dos Colégios da Companhia de Jesus da América Latina, realizado na Colômbia, em outubro de 2006.
- (4) Pedagogia Inaciana: uma proposta prática, p 22.
- (5) Idem.
- (6) José dos Santos Neto. Visão do Jogo primórdios do Futebol no Brasil.



Legenda??

## REITORES DO COLÉGIO SÃO LUÍS

1. Pe. Antonio Onorati, SJ – 1865 a 1869.
2. Pe. Vicente Cocumelli, SJ – 1869 a 1872.
3. Pe. Augusto E. Aureli, SJ – 1872 a 1877.
4. Pe. José Maria Mantero, SJ – 1877 a 1893.
5. Pe. Luiz Yábar, SJ – 1893 a 1898.
6. Pe. Constantino M. Semadini, SJ – 1898 a 1900.
7. Pe. Justino M. Lombardi, SJ – 1900 a 1903.
8. Pe. José M. Natuzzi, SJ – 1903 a 1904.
9. Pe. M. Gabinio de Carvalho, SJ – 1905 a 1909.
10. Pe. José Manuel Madureira, SJ – 1910.
11. Pe. João B. du Dréneuf, SJ – 1911 a 1912.
12. Pe. José Materni, SJ – 1913 a 1915.
13. Pe. João B. du Dréneuf, SJ – 1916 a 1924.
14. Pe. João B. Carreré, SJ – 1925 a 1927.
15. Pe. Luiz Roumanie, SJ – 1928 a 1930.
16. Pe. José Danti, SJ – 1931 a 1940.
17. Pe. Paulo Bannwarth, SJ – 1941 a 1945.
18. Pe. Hélio Abranches Vioti, SJ – 1946 a 1948.
19. Pe. Paulo de Tarso Nacca, SJ – 1949 a 1951.
20. Pe. João de Castro e Costa, SJ – 1952 a 1956.
21. Pe. José Coelho de Souza Neto, SJ – 1957 a 1961.
22. Pe. Anselmo Morganti, SJ – 1962 a 1967.
23. Pe. Paulo Pedreira de Freitas, SJ – 1968 a 1972.
24. Pe. Antonio Olynto Ferreira da Rosa Aquino, SJ – 1973 a 1978.
25. Pe. Theodoro Paulo Severino Peters, SJ – 1979 a 1985.
26. Pe. Paulo de Arruda D'Elboux, SJ – 1986 a 1990.
27. Pe. Luiz Fernando Klein, SJ – 1991 a 1993.
28. Pe. Manuel Madruga Sarmaniego, SJ – 1994 a 1998.
29. Pe. Guy Jorge Ruffer, SJ – 1999 a 2002.
30. Pe. Mieczyslaw Smyda, SJ – 2003 – (atual).

Este livro foi impresso em papel  
couché fosco 150 gramas, pela gráfica  
Loyola, em outubro de 2007.